

Os Lusíadas, de Luís de Camões

Fonte:

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

FCCN - Fundação para a Computação Científica

Nacional <<http://www.fccn.pt>>

IBL - Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro

<<http://www.ibl.pt>>

Disponível em:

<<http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>>

Agradecimentos especiais à **Dra. Maria Teresa Perdigão Costa Bettencourt d'Ávila**, herdeira do **Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão** (responsável pela direção literária da obra-base), que gentilmente autorizou nos a publicação desta obra.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para

<parceiros@futuro.usp.br> ou
<voluntario@futuro.usp.br>.

OS LUSÍADAS

Luís de Camões

Canto I

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana

Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram
devastando,

E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano

A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um
 novo engenho
ardente, Se sempre
 em verso humilde
celebrado Foi de mi
 vosso rio
 alegremente,
Dai-me agora um
 som alto e
 sublimado, Um
estilo grandíloco e
 corrente,
Por que de vossas
águas Febo ordene
Que não tenham
 enveja às de
 Hipocrene.

Dai-me ùa fúria
grande e sonora,
E não de agreste
 avena ou frauta
ruda, Mas de tuba

canora e belicosa,
Que o peito acende e
a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto
aos feitos da famosa
Gente vossa, que a
Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se
cante no universo,
Se tão sublime preço
cabe em verso.

E, vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos
certíssima
esperança De
aumento da
pequena
Cristandade; Vós,
ó novo temor da
Maura lança,
Maravilha fatal da
nossa idade,
Dada ao mundo por
Deus, que todo o
mande, Pera do
mundo a Deus dar
parte grande;
Vós, tenro e novo

ramo florecente
De ùa árvore, de
Cristo mais
amada Que
nenhũa nascida
no Ocidente,
Cesárea ou
Cristianíssima
chamada (Vede-o
no vosso escudo,
que presente Vos
amostra a vitória já
passada,
Na qual vos deu
por armas e
deixou As que
Ele pera si na
Cruz tomou);

Vós, poderoso Rei,
cujo alto Império
O Sol, logo em
nascendo, vê
primeiro, Vê-o
também no meio
do Hemisfério,
E quando dece o
deixa derradeiro;
Vós, que
esperamos jugo e

vitupério Do
torpe Ismaelita
cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio:

Inclinei por um
pouco a majestade
Que nesse tenro
gesto vos
contemplo, Que já
se mostra qual na
inteira idade,
Quando subindo
ireis ao eterno
templo; Os olhos
da real benignidade
Ponde no chão:
vereis um novo
exemplo De amor
dos pátrios feitos
valerosos, Em
versos divulgado
numerosos.

Vereis amor da
pátria, não movido
De prémio vil, mas
alto e quási eterno;
Que não é prémio
vil ser conhecido

Por um pregão do
ninho meu paterno.

Ouvi: vereis o
nome engrandecido

Daqueles de quem

sois senhor

superno, E

julgareis qual é

mais excelente,

Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouvi, que não

vereis com vãs

façanhas,

Fantásticas,

fingidas,

mentirosas,

Louvar os vossos,

como nas

estranhas Musas,

de engrandecer-se

desejosas: As

verdadeiras vossas

são tamanhas

Que excedem as

sonhadas, fabulosas,

Que excedem

Rodamonte e o vão

Rugeiro E Orlando,

inda que fora

verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao
Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom
Fuas, que de Homero
A cítara par'eles só
cobiço;

Pois polos Doze
Pares dar-vos quero
Os Doze de
Inglaterra e o seu
Magriço; Dou-vos
também aquele
ilustre Gama, Que
para si de Eneias
toma a fama.

Pois se a troco de
(Carlos, Rei de
França, Ou de
César, quereis igual
memória, Vede o
primeiro Afonso,
cuja lança Escura
faz qualquer
estranha glória;
E aquele que a seu
Reino a segurança
Deixou, com a
grande e próspera

vitória; Outro
Joane, invicto
cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

Nem deixarão
meus versos
esquecidos
Aqueles que nos
Reinos lá da
Aurora Se fizeram
por armas tão
subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco
fortíssimo e os
temidos Almeidas,
por quem sempre o
Tejo chora,
Albuquerque terrível,
Castro forte,
E outros em quem poder não teve a
morte.

E, enquanto eu estes
canto - e a vós não
posso, Sublime Rei,
que não me atrevo a
tanto - , Tomai as
rédeas vós do Reino
vosso: Dareis matéria

a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o
 peso grosso
 (Que polo mundo
 todo faça espanto)
 De exércitos e
 feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os
mares.

Em vós os olhos
 tem o Mouro
frio, Em quem
 vê seu exício
 afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço
 ao jugo já
inclinado; Tétis
 todo o cerúleo
 senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao
gesto belo e tento,
 Deseja de
comprar-vos pera
 genro.

Em vós se vêm, da
Olímpica morada,
Dos dous avós as

almas cá famosas;
üa, na paz angélica
dourada,

Outra, pelas batalhas sanguinosas.

Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;

E lá vos têm
lugar, no fim da
idade, No templo
da suprema
Eternidade.

Mas, enquanto este
tempo passa lento

De regerdes os
povos, que o
desejam, Dai vós
favor ao novo
atrevimento, Pera

que estes meus
versos vossos sejam,
E vereis ir cortando
o salso argento Os
vossos Argonautas,
por que vejam Que
são vistos de vós no
mar irado, E
costumai-vos já a ser
invocado.

Já no largo Oceano navegavam,

As inquietas ondas apartando;
Os ventos
brandamente
respiravam, Das
naus as velas
côncavas inchando;
Da branca espuma os
mares se mostravam
Cobertos, onde as
proas vão cortando
As marítimas águas
consagradas, Que do
gado de Próteu são
cortadas,

Quando os Deuses
no Olimpo
luminoso, Onde o
governo está da
humana gente, Se
ajuntam em consílio
glorioso, Sobre as
cousas futuras do
Oriente. Pisando o
cristalino Céu
fermoso, Vêm pela
Via Láctea
juntamente,
Convocados, da
parte de Tonante,

Pelo neto gentil do
velho Atlante.

Deixam dos sete
Céus o regimento,
Que do poder mais
alto lhe foi dado,
Alto poder, que só
co pensamento
Governa o Céu, a
Terra e o Mar irado.

Ali se acharam
juntos num
momento Os que
habitam o Arcturo
congelado E os que
o Austro têm e as
partes onde A
Aurora nasce e o
claro Sol se
esconde.

Estava o Padre ali,
sublime e dino,
Que vibra os feros
raios de Vulcano,
Num assento de
estrelas cristalino,
Com gesto alto,
severo e soberano;
Do rosto respirava

um ar divino, Que
divino tornara um
corpo humano:
Com ùa coroa e
ceptro rutilante, De
outra pedra mais
clara que diamante.

Em luzentes
assentos,
marchetados De
ouro e de perlas,
mais abaixo estavam
Os outros Deuses,
todos assentados
Como a Razão e a
Ordem concertavam
(Precedem os
antigos, mais
honrados, Mais
abaixo os menores se
assentavam);
Quando Júpter alto,
assi dizendo, Cum
tom de voz começa
grave e horrendo:

- «Eternos
moradores do
luzente,

Estelífero Pólo e
claro Assento:
Se do grande
valor da forte
gente De Luso
não perdeis o
pensamento,
Deveis de ter
sabido claramente
Como é dos Fados
grandes certo
intento Que por ela
se esqueçam os
humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

«Já lhe foi (bem o
vistes) concedido,
Cum poder tão
singelo e ao
pequeno, Tomar
ao Mouro forte e
guarnecido Toda
a terra que rega o
Tejo ameno.
Pois contra o
Castelhano ao temido
Sempre alcançou
favor do Céu sereno:
Assi que sempre,

enfim, com fama e
glória. Teve os
troféus pendentes da
vitória.

«Deixo, Deuses,
atrás a fama antiga,
Que co a gente de
Rómulo
alcançaram,
Quando com
Viriato, na inimiga
Guerra Romana,
tanto se afamaram;
Também deixo a
memória que os
obriga A grande
nome, quando
alevantaram Um
por seu capitão,
que, peregrino,
Fingiu na cerva
espírito divino.

«Agora vedes
bem que,
cometendo O
duvidoso mar
num lenho leve,
Por vias nunca
usadas, não temendo

de Áfrico e Noto a
força, a mais
s'atreve: Que,
havendo tanto já que
as partes vendo
Onde o dia é
comprido e onde
breve, Inclinam seu
propósito e perfia
A ver os berços onde nasce o dia.

«Prometido lhe está
do Fado eterno,
Cuja alta lei não
pode ser quebrada,
Que tenham longos
tempos o governo
Do mar que vê do
Sol a roxa entrada.
Nas águas têm
passado o duro
Inverno; A gente
vem perdida e
trabalhada; Já
parece bem feito
que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

«E porque, como
vistes, têm

passados Na
viagem tão ásperos
perigos,
Tantos climas e
céus
exprimentados,
Tanto furor de
ventos inimigos,
Que sejam,
determino,
agasalhados
Nesta costa
Africana como
amigos; E, tendo
guarnecida a lassa
frota, Tornarão a
seguir sua longa
rota.

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses,
por ordem
respondendo, Na
sentença um do outro
diferia,
Razões diversas
dando e
recebendo. O
padre Baco ali
não consentia

No que Júpiter
disse, conhecendo
Que esquecerão
seus feitos no
Oriente Se lá
passar a Lusitana
gente.

Ouvido tinha
aos Fados que
viria ùa gente
fortíssima de
Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo
quanto Dóris
banha, E com
novas vitórias
venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói
perder a glória De
que Nisa celebra
inda a memória.

Vê que já teve o Indo sojugado
E nunca lhe tirou
Fortuna ou caso
Por vencedor da
Índia ser cantado

De quantos bebem
a água de Parnaso.
Teme agora que
seja sepultado
Seu tão célebre
nome em negro
vaso D'água do
esquecimento, se lá
chegam Os fortes
Portugueses que
navegam.

Sustentava
contra ele Vénus
bela, Afeiçoada
à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão
amada, sua
Romana; Nos fortes
corações, na grande
estrela Que
mostraram na terra
Tingitana, E na
língua, na qual
quando imagina,
Com pouca
corrupção crê que é
a Latina

Estas causas moviam Citereia

E mais, porque das
Parcas claro
entende Que há-de
ser celebrada a clara
Deia Onde a gente
belígera se estende.
Assi que, um, pela
infâmia que
arreceia, E o outro,
pelas honras que
pretende, Debatem,
e na perfia
permanecem; A
qualquer seus
amigos favorecem.

Qual Austro fero ou
Bóreas na espessura
De silvestre arvoredos
abastecida,
Rompendo os ramos
vão da mata escura
Com ímpeto e
braveza desmedida,
Brama toda
montanha, o som
murmura,
Rompem-se as folhas,
ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto,

levantado
Entre os Deuses, no Olimpo
consagrado.

Mas Marte, que da
Deusa sustentava
Entre todos as
partes em porfia,
Ou porque o amor
antigo o obrigava,
Ou porque a gente
forte o merecia, De
antre os Deuses em
pé se levantava:
Merencório no
gesto parecia;
O forte escudo, ao
colo pendurado,
Deitando pera
trás, medonho e
irado;

A viseira do elmo de diamante
Alevantando um
pouco, mui
seguro, Por dar
seu parecer se pôs
diante De Júpiter,
armado, forte e
duro;

E dando ùa pancada penetrante
Co conto do bastão
no sólio puro, O
Céu tremeu, e
Apolo, de torvado,
Um pouco a luz
perdeu, como
enfiado;

E disse assi:- «Ó
Padre, a cujo
império Tudo aquilo
obedece que criaste:
Se esta gente que
busca outro
Hemisfério. Cujas
valias e obras tanto
amaste,
Não queres que
padeçam vitupério,
Como há já tanto
tempo que
ordenaste, Não
ouças mais, pois és
juiz direito,
Razões de quem
parece que é
suspeito.

«Que, se aqui a
razão se não

mostrasse Vencida
do temor
demasiado,
Bem fora que aqui
Baco os sustentasse,
Pois que de Luso
vêm, seu tão
privado; Mas esta
tenção sua agora
passe, Porque
enfim vem de
estômago danado;
Que nunca tirará
alheia enveja
O bem que outrem merece e o Céu
deseja.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação
que tens tomada
Não tornes por
detrás, pois é
fraqueza
Desistir-se da
cousa começada.
Mercúrio, pois
excede em
ligeireza Ao vento
leve e à seta bem
talhada, Lhe vá

mostrar a terra
onde se informe
Da Índia, e onde a
gente se reforme.»

Como isto disse,
o Padre
poderoso, A
cabeça
inclinando,
consentiu

No que disse Mavorte valeroso
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
Logo cada um
dos Deuses se
partiu, Fazendo
seus reais
acatamentos,
Pera os
determinados
apousentos.

Enquanto isto se
passa na fermosa
Casa etérea do
Olimpo
omnipotente,
Cortava o mar a
gente belicosa
Já lá da banda do

Austro e do
Oriente, Entre a
costa Etiópica e a
famosa Ilha de
São Lourenço; e o
Sol ardente
Queimava então os
Deuses que Tifeu
Co temor grande
em pexes
converteu.

Tão brandamente os
ventos os levavam
Como quem o Céu
tinha por amigo;
Serenos o ar e os
tempos se
mostravam, Sem
nuvens, sem receio
de perigo. O
promontório Prasso
já passavam Na
costa de Etiópia,
nome antigo,
Quando o mar,
descobrendo, lhe
mostrava Novas
ilhas, que em torno
cerca e lava.

Vasco da Gama, o
forte Capitão,
Que a tamanhas
empresas se
oferece, De
soberbo e de
altivo coração, A
quem Fortuna
sempre favorece,
Pera se aqui deter
não vê razão, Que
inabitada a terra
lhe parece. Por
diante passar
determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

Eis aparecem logo
em companhia
Uns pequenos
batéis, que vêm
daquela Que mais
chegada à terra
parecia,
Cortando o longo
mar com larga vela.
A gente se alvoroça
e, de alegria, Não
sabe mais que olhar a

causa dela. - «Que gente será esta?» (em si diziam) «Que costumes, que Lei, que Rei teriam?»

As embarcações eram na maneira Mui veloces, estreitas e compridas; Ás velas com que vêm eram de esteira, Düas folhas de palma, bem tecidas; A gente da cor era verdadeira Que Fáëton, nas terras acendidas, Ao mundo deu, de ousado e não prudente (O Pado o sabe e Lampetusa o sente).

De panos de algodão vinham vestidos, De várias cores, brancos e listrados; Uns trazem derredor de

si cingidos, Outros
em modo airoso
sobraçados; Das
cintas pera cima
vêm despidos;
Por armas têm
adagas e tarçados;
Com toucas na
cabeça; e,
navegando,
Anafis sonorosos
vão tocando.

Cos panos e cos
braços acenavam
Às gentes
Lusitanas, que
esperassem; Mas
já as proas ligeiras
se inclinavam,
Pera que junto às
Ilhas amainassem.

A gente e
marinheiros
trabalhavam Como
se aqui os trabalhos
s'acabassem:
Tomam velas,
amaina-se a verga
alta, Da âncora o

mar ferido em cima
salta.

Não eram
ancorados, quando
a gente Estranha
polas cordas já
subia.

No gesto ledos
vêm, e
humanamente O
Capitão sublime
os recebia.

As mesas manda
pôr em continente;
Do licor que Lieu
prantado havia
Enchem vasos de
vidro; e do que
deitam Os de
Fáëton queimados
nada enjeitam.

Comendo
alegremente,
perguntavam, Pela
Arábica língua,
donde vinham,
Quem eram, de que
terra, que buscavam,
Ou que partes do

mar corrido tinham?

Os fortes Lusitanos

lhe tornavam As

discretas repostas

que convinham: -

«Os Portugueses
somos do Ocidente,
Imos buscando as
terras do Oriente.

«Do mar temos
corrido e
navegado Toda a
parte do Antártico
e Calisto, Toda a
costa Africana
rodeado;

Diversos céus e
terras temos visto;
Dum Rei potente
somos, tão amado,
Tão querido de
todos e benquisto,
Que não no largo
mar, com leda
fronte, Mas no
lago entraremos de
Aqueronte.

«E, por mandado
seu, buscando

andamos A terra
Oriental que o Indo
rega; Por ele o mar
remoto navegamos,
Que só dos feios
focas se navega.
Mas já razão parece
que saibamos (Se
entre vós a verdade
não se nega), Quem
sois, que terra é esta
que habitais, Ou se
tendes da Índia
alguns sinais?»

- «Somos (um dos
das Ilhas lhe
tornou)

Estrangeiros na
terra, Lei e nação;
Que os próprios são
aqueles que criou
A Natura, sem Lei
e sem Razão. Nós
temos a Lei certa
que ensinou O
claro descendente
de Abraão, Que
agora tem do
mundo o senhorio;

A mãe Hebreia teve
e o pai, Gentio.

«Esta Ilha pequena,
que habitamos, É
em toda esta terra
certa escala De
todos os que as
ondas navegamos,
De Quíloa, de
Mombaça e de
Sofala; E, por ser
necessária,
procuramos, Como
próprios da terra, de
habitá-la; E por que
tudo enfim vos
notifique, Chama-se
a pequena Ilha -
Moçambique.

«E já que de tão
longe navegais,
Buscando o Indo
Idaspe e terra
ardente, Piloto aqui
tereis, por quem
sejais Guiados pelas
ondas sàbiamente.
Também será bem
feito que tenhais Da

terra algum refresco,
e que o Regente
Que esta terra
governa, que vos
veja E do mais
necessário vos
proveja.»

Isto dizendo, o
Mouro se tornou
A seus batéis com
toda a companhia;
Do Capitão e
gente se apartou
Com mostras de
devida cortesia.
Nisto Febo nas
águas encerrou
Co carro de
cristal, o claro
dia,
Dando cargo à
Irmã que
alumiasse O largo
mundo, enquanto
repousasse.

A noite se passou
na lassa frota Com
estranha alegria e
não cuidada, Por

acharem da terra
tão remota Nova
de tanto tempo
desejada. Qualquer
então consigo cuida
e nota Na gente e
na maneira
desusada, E como
os que na errada
Seita creram, Tanto
por todo o mundo
se estenderam.

Da Lúa os claros
raios rutilavam
Polas argênteas
ondas Neptuninas;
As Estrelas os
Céus
acompanhavam,
Qual campo
revestido de
boninas; Os
furiosos ventos
repousavam Polas
covas escuras
peregrinas;
Porém da armada
a gente vigiava,
Como por longo

tempo costumava.

Mas, assi como a
Aurora
marchetada Os
fermosos cabelos
espalhou
No Céu sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro
Hiperiónio, que
acordou, Começa a
embandeirar-se toda
a armada E de
toldos alegres se
adornou, Por
receber com festas e
alegria O Regedor
das Ilhas, que partia.

Partia, alegremente
navegando, A ver
as naus ligeiras
Lusitanas, Com
refresco da terra,
em si cuidando
Que são aquelas
gentes inumanas
Que, os apousentos
Cáspios habitando,
A conquistar as
terras Asianas

Vieram e, por
ordem do
Destino, O
Império
tomaram a
Costantino.

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua
companhia; Dá-lhe
de ricas peças um
presente, Que só
pera este efeito já
trazia; Dá-lhe
conserva doce e
dá-lhe o ardente,
Não usado licor, que
dá alegria. Tudo o
Mouro contente
bem recebe, E
muito mais contente
come e bebe

Está a gente marítima de Luso
Subida pela
enxárcia, de
admirada, Notando
o estrangeiro modo
e uso E a
linguagem tão
bárbara e enleada.

Também o Mouro
astuto está confuso,
Olhando a cor, o
trajo e a forte
armada; E,
perguntando tudo,
lhe dizia
Se porventura vinham de Turquia.

E mais lhe diz
também que ver
deseja Os livros
de sua Lei,
preceito ou fé,
Pera ver se
conforme à sua
seja, Ou se são
dos de Cristo,
como crê; E por
que tudo note e
tudo veja, Ao
Capitão pedia que
lhe dê
Mostra das fortes
armas de que
usavam Quando
cos inimigos
pelejavam.

Responde o valeroso Capitão,
Por um que a

língua escura bem
sabia: -«Dar-te-ei,
Senhor ilustre,
relação De mi, da
Lei, das armas que
trazia. Nem sou da
terra, nem da
geração Das
gentes enojosas de
Turquia, Mas sou
da forte Europa
belicosa; Busco as
terras da Índia tão
famosa.

«A Lei tenho
d'Aquele a cujo
império Obedece
o visível e
invisível,
Aquele que criou
todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e
todo o insensível;
Que padeceu
desonra e
vitupério,
Sofrendo morte
injusta e insofrível,
E que do Céu à

Terra enfim deceu,
Por subir os
mortais da Terra
ao Céu.

«Deste
Deus-Homem,
alto e infinito, Os
livros que tu pedes
não trazia, Que
bem posso escusar
trazer escrito
Em papel o que na
alma andar devia.
Se as armas queres
ver, como tens dito,
Cumprido esse
desejo te seria;
Como amigo as verás,
porque eu me obrigo
Que nunca as queiras
ver como inimigos».

Isto dizendo,
manda os
diligentes
Ministros
amostrar as
armaduras:
Vêm arneses e
peitos

reluzentes,
Malhas finas e
lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros,
espingardas de
aço puras, Arcos
e sagitíferas
aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

As bombas vêm de
fogo, e juntamente
As panelas
sulfúreas, tão
danosas; Porém aos
de Vulcano não
consente Que dêm
fogo às bombardas
temerosas; Porque
o generoso ânimo e
valente, Entre
gentes tão poucas e
medrosas, Não
mostra quanto
pode; e com razão,
Que é fraqueza
entre ovelhas ser
lião.

Porém disto que o

Mouro aqui notou,
E de tudo o que
viu com olho
atento, Um ódio
certo na alma lhe
ficou, ùa vontade
má de
pensamento;
Nas mostras e no
gesto o não
mostrou, Mas,
com risonho e ledo
fingimento,
Tratá-los
brandamente
determina, Até
que mostrar possa
o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse
à Índia ser levado;
Diz-lhe que o
largo prémio
levarão Do
trabalho que nisso
for tomado.
Promete-lhos o
Mouro, com
tenção De peito

venenoso e tão
danado
Que a morte, se
pudesse, neste
dia, Em lugar de
pilotos lhe daria.

Tamanho o ódio
foi e a má
vontade Que aos
estrangeiros
súpito tomou,
Sabendo ser
sequaces da
Verdade Que o
filho de David
nos ensinou! Ó
segredos daquela
Eternidade

A quem juízo
algun não
alcançou: Que
nunca falte um
pérfido inimigo
Àqueles de quem
foste tanto amigo!

Partiu-se nisto,
enfim, co a
companhia, Das
naus o falso Mouro

despedido, Com
enganosa e grande
cortesia, Com
gesto ledô a todos e
fingido. Cortaram
os batéis a curta via
Das águas de
Neptuno; e,
recebido Na terra
do obseqüente
ajuntamento, Se
foi o Mouro ao
côgnito apousento.

Do claro Assento
etéreo, o grão
Tebano, Que da
paternal coxa foi
nascido, Olhando o
ajuntamento
Lusitano
Ao Mouro ser
molesto e
avorrecido, No
pensamento cuida
um falso engano,
Com que seja de
todo destruído;
E, enquanto isto só
na alma imaginava,

Consigo estas
palavras praticava:

-«Está do Fado já determinado
Que tamanhas
vitórias, tão
famosas, Hajam
os Portugueses
alcançado
Das Indianas gentes belicosas;
E eu só, filho do
Padre sublimado,
Com tantas
qualidades
generosas, Hei-de
sofrer que o Fado
favoreça Outrem,
por quem meu nome
se escureça?

«Já quiseram os
Deuses que
tivesse O filho
de Filipo nesta
parte

Tanto poder que tudo somettesse
Debaixo do seu
jugo o fero Marte;
Mas há-se de
sofrer que o Fado
desse A tão

poucos tamanho
esforço e arte,
Qu'eu, co grão
Macedónio e
Romano, Dêmos
lugar ao nome
Lusitano?

«Não será assi,
porque, antes que
chegado Seja este
Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado
Que nunca veja as
partes do Oriente.
Eu decerei à Terra
e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita.»

Isto dizendo, irado e
quási insano, Sobre
a terra Africana
descendeu, Onde,
vestindo a forma e
gesto humano, Pera
o Prasso sabido se
moveu.

E, por melhor
tecer o astuto

engano, No gesto
natural se
converteu
Dum Mouro, em
Moçambique
conhecido, Velho,
sábio, e co Xequê
mui válido.

E, entrando assi a
falar-lhe, a tempo e
horas, A sua
falsidade
acomodadas,
Lhe diz como eram
gentes roubadoras
Estas que ora de
novo são
chegadas; Que das
nações na costa
moradoras,
Correndo a fama
veio que roubadas
Foram por estes
homens que
passavam, Que com
pactos de paz sempre
ancoravam.

- «E sabe mais (lhe
diz), como

entendido Tenho
destes Cristãos
sanguinolentos,
Que quási todo o
mar têm destruído
Com roubos, com
incêndios violentos;
E trazem já de longe
engano urdido
Contra nós; e que
todos seus intentos
São pera nos
matarem e
roubarem, E
mulheres e filhos
cativarem.

«E também sei
que tem
determinado De
vir por água a
terra, muito cedo,
O Capitão, dos
seus
acompanhado,
Que da tenção
danada nasce o
medo Tu deves de
ir também cos teus
armado Esperá-lo

em cilada, oculto e
quedo; Porque,
saindo a gente
descuidada, Cairão
fácilmente na
cilada.

«E se inda não
ficarem deste jeito
Destruídos ou
mortos totalmente,
Eu tenho
imaginada no
conceito Outra
manha e ardil que
te contente:
Manda-lhe dar
piloto que de jeito
Seja astuto no
engano, e tão
prudente Que os
leve aonde sejam
destruídos,
Desbaratados,
mortos ou
perdidos.»

Tanto que estas
palavras acabou O
Mouro, nos tais
casos sábio e

velho, Os braços
pelo colo lhe
lançou,
Agradecendo
muito o tal
conselho; E logo
nesse instante
concertou Pera a
guerra o belígero
aparelho, Pera que
ao Português se lhe
tornasse Em roxo
sangue a água que
buscasse.

E busca mais, pera
o cuidado engano,
Mouro que por
piloto à nau lhe
mande, Sagaz,
astuto e sábio em
todo o dano, De
quem fiar se possa
um feito grande.

Diz-lhe que,
acompanhando o
Lusitano, Por tais
costas e mares co
ele ande, Que, se
daqui escapar, que

lá diante Vá cair
onde nunca se
alevante.

Já o raio Apolíneo visitava
Os Montes
Nabateios
acendido, Quando
Gama cos seus
determinava De vir
por água a terra
apercebido. A
gente nos batéis se
concertava Como
se fosse o engano já
sabido; Mas pôde
suspeitar-se
facilmente, Que o
coração pres[s]ago
nunca mente.

E mais também
mandado tinha a
terra, De antes,
pelo piloto
necessário, E
foi-lhe respondido
em som de guerra,
Caso do que
cuidava mui
contrário. Por isto,

e porque sabe
quanto erra Quem
se crê de seu
pérfido adversário,
Apercebido vai
como podia
Em três batéis somente que trazia.

Mas os Mouros, que
andavam pela praia
Por lhe defender a
água desejada, Um
de escudo
embaçado e de
azagaia, Outro de
arco encurvado e
seta ervada,
Esperam que a
guerreira gente saia,
Outros muitos já
postos em cilada;
E, por que o caso
leve se lhe faça,
Põem uns poucos
diante por negaça.

Andam pela
ribeira alva,
arenosa, Os
belicosos Mouros
acenando Com a

adarga e co a
hástea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando
Não sofre muito a
gente generosa
Andar-lhe os Cães
os dentes
amostrando;
Qualquer em terra
salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer
pode que é primeiro:

Qual no corro
sanguino o ledó
amante, Vendo a
fermosa dama
desejada,
O touro busca e,
pondo-se diante,
Salta, corre, sibila,
acena e brada, Mas
o animal atreço,
nesse instante,
Com a fronte
cornígera inclinada,
Bramando, duro
corre e os olhos
cerca, Derriba, fere
e mata e põe por

terra.

Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artelharia;
A plúmbea péla
mata, o brado
espanta; Ferido, o
ar retumba e
assovia.

O coração dos
Mouros se
quebranta, O
temor grande o
sangue lhe resfria.

Já foge o
escondido, de
medroso, E morre
o descoberto
aventuroso.

Não se contenta a
gente Portuguesa,
Mas, seguindo a
vitória, estrui e
mata; A povoação
sem muro e sem
defesa

Esbombardeia,
acende e desbarata.

Da cavalgada ao
Mouro já lhe pesa,

Que bem cuidou
comprá-la mais
barata; Já blasfema
da guerra, e
maldizia, O velho
inerte e a mãe que o
filho cria.

Fugindo, a seta o
Mouro vai tirando
Sem força, de
covarde e de
apressado, Apedra,
o pau e o canto
arremessando;
Dá-lhe armas o
furor desatinado.
Já a Ilha, e todo o
mais,
desemparando, À
terra firme foge
amedrontado;
Passa e corta do mar o
estreito braço Que a
Ilha em torno cerca
em pouco espaço.

Uns vão nas
almadias
carregadas, Um

corta o mar a nado,
diligente; Quem se
afoga nas ondas
encurvadas, Quem
bebe o mar e o
deita juntamente.

Arrombam as
miúdas
bombardadas Os
pangaios sutis da
bruta gente.

Destarte o
Português, enfim,
castiga A vil
malícia, pérfida,
inimiga.

Tornam
vitoriosos pera a
armada, Co
despojo da
guerra e rica
presa, E vão a
seu prazer fazer
aguada,
Sem achar
resistência nem
defesa. Ficava a
Maura gente
magoada,

No ódio antigo
mais que nunca
acesa; E, vendo
sem vingança tanto
dano, Sòmente
estriba no segundo
engano.

Pazes cometer
manda,
arrependido, O
Regedor daquela
inica terra,
Sem ser dos
Lusitanos entendido
Que em figura de
paz lhe manda
guerra; Porque o
piloto falso
prometido, Que
toda a má tenção no
peito encerra, Pera
os guiar à morte lhe
mandava, Como
em sinal das pazes
que tratava.

O Capitão, que já
lhe então convinha
Tornar a seu
caminho

acostumado, Que
tempo concertado e
ventos tinha Pera
ir buscar o Indo
desejado,
Recebendo o piloto
que lhe vinha, Foi
dele alegremente
agasalhado, E
respondendo ao
mensageiro, a
tento, As velas
manda dar ao largo
vento.

Destarte
despedida, a forte
armada As
ondas de
Anfítrite dividia,
Das filhas de
Nereu
acompanhada,
Fiel, alegre e
doce companhia.
O Capitão, que não
caía em nada Do
enganoso ardil que
o Mouro urdia,
Dele mui

largamente se
informava Da
Índia toda e costas
que passava.

Mas o Mouro,
instruído nos
enganos Que o
malévolo Baco lhe
ensinara, De
morte ou cativoiro
novos danos,
Antes que à Índia
chegue, lhe
prepara. Dando
razão dos portos
Indianos, Também
tudo o que pede lhe
declara, Que,
havendo por
verdade o que
dizia, De nada a
forte gente se
temia.

E diz-lhe mais, co
falso pensamento
Com que Sínon os
Frígios enganou,
Que perto está ùa
Ilha, cujo assento

Povo antigo
Cristão sempre
habitou. O
Capitão, que a
tudo estava
atento,
Tanto co estas novas
se alegrou Que com
dádivas grandes lhe
rogava Que o leve à
terra onde esta gente
estava.

O mesmo o falso
Mouro determina
Que o seguro
Cristão lhe manda e
pede; Que a Ilha é
possuída da malina
Gente que segue o
torpe Mahamede.
Aqui o engano e
morte lhe imagina,
Porque em poder e
forças muito excede
À Moçambique esta
Ilha, que se chama
Quíloa, mui
conhecida pola
fama.

Pera lá se
inclinava a leda
frota; Mas a
Deusa em Citere
celebrada, Vendo
como deixava a
certa rota Por ir
buscar a morte não
cuidada, Não
consente que em
terra tão remota
Se perca a gente
dela tanto amada,
E com ventos
contrairos a desvia
Donde o piloto
falso a leva e guia.
Mas o malvado
Mouro, não
podendo Tal
determinação
levar avante,
Outra maldade inica
cometendo, Ainda
em seu propósito
constante, Lhe diz
que, pois as águas,
discorrendo, Os
levaram por força

por diante, Que
outra Ilha tem
perto, cuja gente
Eram Cristãos com
Mouros juntamente.

Também nestas
palavras lhe
mentia, Como
por regimento,
enfim, levava;
Que aqui gente de
Cristo não havia,

Mas a que a
Mahamede
celebrava. O
Capitão, que em
tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a
Ilha demandava;
Mas, não querendo
a Deusa guardadora,
Não entra pela
barra, e surge fora.

Estava a Ilha à
terra tão chegada
Que um estreito
pequeno a
dividia; ùa
cidade nela

situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora, ao
longe, descobria,
Regida por um Rei
de antiga idade:
Mombaça é o nome
da Ilha e da cidade.

E sendo a ela o
Capitão chegado,
Estranhamente
ledo, porque
espera De poder
ver o povo
baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis da
terra com recado
Do Rei, que já
sabia a gente que
era; Que Baco
muito de antes o
avisara, Na forma
doutro Mouro, que
tomara.

O recado que
trazem é de
amigos, Mas

debaxo o veneno
vem coberto, Que
os pensamentos
eram de inimigos,
Segundo foi o
engano descoberto.

Ó grandes e
gravíssimos
perigos, Ó
caminho de vida
nunca certo,
Que aonde a gente
põe sua esperança
Tenha a vida tão
pouca segurança!

No mar tanta
tormenta e tanto
dano, Tantas
vezes a morte
apercebida! Na
terra tanta guerra,
tanto engano,
Tanta necessidade
avorrecida!

Onde pode
acolher-se um fraco
humano, Onde terá
segura a curta vida,
Que não se arme e se

indigne o Céu sereno
Contra um bicho da
terra tão pequeno?

Canto II

Já neste tempo o lúcido Planeta
Que as horas vai

do dia

distinguindo,

Chegava à

desejada e lenta

meta,

A luz celeste às
gentes encobrindo; E
da casa marítima
secreta he estava o
Deus Nocturno a

porta abrindo,
Quando as infidas
gentes se chegaram
Às naus, que pouco
havia que
ancoraram.

Dantre eles um,
que traz
encomendado O
mortífero engano,
assi dizia:

«Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o
reino e salsa via,
O Rei que manda
esta Ilha,
alvoraçado Da
vinda tua, tem
tanta alegria
Que não deseja
mais que
agasalhar-te,
Ver-te e do
necessário
reformular-te.

«E porque está em
extremo desejoso
De te ver, como
cousa nomeada,

Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu
com toda armada;
E porque do
caminho
trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,
Diz que na terra
podes
reformá-la, Que
a natureza obriga
a desejá-la.

«E se buscando vás mercadoria
Que produz o aurífero levante,
Canela, cravo,
ardente
especiaria Ou
droga salutífera
e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo.»

Ao mensageiro o
Capitão responde,
As palavras do
Rei agradecendo,
E diz que, porque o

Sol no mar se
esconde, Não entra
pera dentro,
obedecendo; Porém
que, como a luz
mostrar por onde Vá
sem perigo a frota,
não temendo,
Cumprirá sem receio
seu mandado, Que a
mais por tal senhor
está obrigado.

Pergunta-lhe depois
se estão na terra
Cristãos, como o
piloto lhe dizia; O
mensageiro astuto,
que não erra, Lhe diz
que a mais da gente
em Cristo cria. Desta
sorte do peito lhe
desterra

Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

E de alguns que
trazia,
condenados Por
culpas e por feitos

vergonhosos, Por
que pudessem ser
aventurados Em
casos desta sorte
duvidosos,
Manda dous mais
sagazes, ensaiados,
Por que notem dos
Mouros enganosos
A cidade e poder, e
por que vejam Os
Cristãos, que só
tanto ver desejam.

E por estes ao Rei presentes manda,
Por que a boa
vontade que
mostrava Tenha
firme, segura, limpa
e branda, A qual
bem ao contrário em
tudo estava. Já a
companhia pérfida e
nefanda Das naus
se despedia e o mar
cortava: Foram
com gestos ledos e
fingidos Os dous da
frota em terra
recebidos.

E depois que ao
Rei apresentaram
Co recado os
presentes que
traziam, A
cidade correram,
e notaram
Muito menos
daquilo que
queriam; Que os
Mouros cautelosos
se guardaram De
lhe mostrarem tudo
o que pediam; Que
onde reina a
malícia, está o
receio Que a faz
imaginar no peito
alheio.

Mas aquele que
sempre a
mocidade Tem no
rosto perpétua, e
foi nascido De
duas mães, que
urdia a falsidade
Por ver o
navegante
destruído,

Estava nua casa da cidade,
Com rosto
humano e hábito
fingido,
Mostrando-se
Cristão, e
fabricava Um
altar sumptuoso
que adorava.

Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo
Espírito a
pintura, A
cândida
Pombinha,
debuxada
Sobre a única
Fénix, virgem
pura; A
companhia santa
está pintada,
Dos doze, tão torvados na figura
Como os que, só
das línguas que
caíram De fogo,
várias línguas
referiram.

Aqui os dous

companheiros,
conduzidos Onde
com este engano
Baco estava, Põem
em terra os gíolhos,
e os sentidos
Naquele Deus que o
Mundo governava.
Os cheiros
excelentes,
produzidos Na
Pancaia odorífera,
queimava
O Tioneu, e assi por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

Aqui foram de noite
agasalhados, Com
todo o bom e honesto
tratamento Os dous
Cristãos, não vendo
que enganados Os
tinha o falso e santo
fingimento Mas, assi
como os raios
espalhados Do Sol
foram no mundo, e
num momento
Apareceu no rúbido
Horizonte

Na moça de Titão a roxa fronte,
Tornam da terra os
Mouros co recado
Do Rei pera que
entrassem, e
consigo Os dous
que o Capitão tinha
mandado,
A quem se o Rei
mostrou sincero
amigo; E sendo o
Português
certificado
De não haver receio de perigo
E que gente de
Cristo em terra
havia, Dentro no
salso rio entrar
queria.
Dizem-lhe os que
mandou que em terra
viram Sacras aras e
sacerdote santo;
Que ali se
agasalharam e
dormiram
Enquanto a luz
cobriu o escuro
manto; E que no

Rei e gentes não
sentiram Senão
contentamento e
gosto tanto Que
não podia certo
haver suspeita Nüa
mostra tão clara e
tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia
Alegremente os
Mouros que
subiam Que
levemente um
ânimo se fia
De mostras que
tão certas
pareciam. A nau
da gente pérfida
se enchia,
Deixando a bordo os
barcos que traziam.
Alegres vinham
todos porque crêm
Que a presa
desejada certa têm.

Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições,
que, como vissem

Que no rio os
navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E nesta treição determinavam
Que os de Luso de
todo destruíssem, E
que, incautos,
pagassem deste jeito
O mal que em
Moçambique tinham
feito.

As âncoras tenaces vão levando,
Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas
sós ao vento
dando, Inclinam
pera a barra
abalizada.
Mas a linda
Ericina, que
guardando
Andava sempre a
gente assinalada,
Vendo a cilada
grande e tão
secreta, Voa do
Céu ao mar como
ũa seta.

Convoca as alvas filhas de Nereu,

Com toda a mais
cerúlea
companhia, Que,
porque no salgado
mar nasceu, Das
águas o poder lhe
obedecia;
E, propondo-lhe a
causa a que deceu,
Com todos
juntamente se
partia
Pera estorvar que a
armada não
chegasse Aonde
pera sempre se
acabasse.

Já na água erguendo
vão, com grande
pressa, Com as
argênteas caudas
branca espuma; Cloto
co peito corta e
atravessa
Com mais furor o
mar do que
costuma; Salta
Nise, Nerine se
arremessa

Por cima da água
crespa em força
suma; Abrem
caminho as ondas
encurvadas, De
temor das Nereidas
apressadas.

Nos ombros de um
Tritão, com gesto
aceso, Vai a linda
Dione furiosa;
Não sente quem a
leva o doce peso,
De soberbo com
carga tão
fermosa. Já
chegam perto
donde o vento
teso Enche as
velas da frota
belicosa;

Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

Põe-se a Deusa
com outras em
direito Da proa
capitaina, e ali
fechando

O caminho da barra, estão de jeito

Que em vão assopra o
vento, a vela inchando:
Põem no madeiro duro
o brando peito Pera
detrás a forte nau
forçando;
Outras em derredor
levando-a estavam
E da barra inimiga
a desviavam.

Quais pera a cova
as próvidas
formigas, Levando
o peso grande
acomodado As
forças exercitam, de
inimigas

Do inimigo Inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram
vigor nunca
esperado: Tais
andavam as
Ninfas
estorvando À
gente Portuguesa
o fim nefando.

Torna pera detrás a nau, forçada,

Apesar dos que leva,
que, gritando,
Mareiam velas; ferve
a gente irada, O
leme a um bordo e a
outro atravessando;
O mestre astuto em
vão da popa brada,
Vendo como diante
ameaçando

Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete
medo.

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a
Maura gente espanta,
Como se vissem
horrída batalha;
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta
pressa quem lhe
valha: Cuidam que
seus enganos são
sabidos E que
hão-de ser por isso
aqui punidos.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis

veloces que
traziam; Outros
em cima o mar
alevantavam
Saltando n'água, a
nado se acolhiam;
De um bordo e
doutro súbito
saltavam, Que o
medo os compelia
do que viam; Que
antes querem ao
mar aventurar-se
Que nas mãos
inimigas
entregar-se.

Assi como em selvática alagoa
As rãs, no tempo
antigo Lícia
gente, Se sentem
porventura vir
pessoa,
Estando fora da
água
incautamente,
Daqui e dali
saltando (o charco
soa), Por fugir do
perigo que se

sente,
E, acolhendo-se ao
couto que
conhecem, Sós as
cabeças na água lhe
aparecem:

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo
grande as naus
guiara, Crendo
que seu engano
estava noto,
Também foge,
saltando na água
amara Mas, por
não darem no
penedo imoto,
Onde percam a
vida doce e cara, A
âncora solta logo a
capitaina,
Qualquer das
outras junto dela
amaina.

Vendo o Gama,
atentado, a
estranheza Dos
Mouros, não

cuidada, e
juntamente O
piloto fugir-lhe com
presteza, Entende o
que ordenava a
bruta gente, E
vendo, sem
contraste e sem
braveza Dos ventos
ou das águas sem
corrente. Que a nau
passar avante não
podia, Havendo-o
por milagre, assi
dizia:

«Ó caso grande,
estranho e não
cuidado! Ó milagre
claríssimo e
evidente, Ó
descoberto engano
inopinado, Ó
pérfida, inimiga e
falsa gente! Quem
poderá do mal
aparelhado
Livrar-se sem
perigo,
sàbiamente, Se

lá de cima a
Guarda Soberana
Não acudir à
fraca força
humana?

«Bem nos mostra a
Divina Providência
Destes portos a
pouca segurança,
Bem claro temos
visto na aparência
Que era enganada a
nossa confiança;
Mas pois saber
humano nem
prudência Enganos
tão fingidos não
alcança, Ó tu,
Guarda Divina, tem
cuidado De quem
sem ti não pode ser
guardado!

«E, se te move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina,
Que, só por tua
altíssima bondade,
Da gente a salvas
pérfida e malina,

Nalgum porto
seguro de verdade
Conduzir-nos já
agora determina,
Ou nos amostra a
terra que
buscamos, Pois só
por teu serviço
navegamos.»

Ouviu-lhe estas
palavras piadosas
A fermosa Dione
e, comovida,
Dantre as Ninfas
se vai, que
saüdosas Ficaram
desta súbita
partida.

Ja penetra as
Estrelas
luminosas, Já
na terceira
Esfera recebida
Avante passa, e lá
no sexto Céu,
Pera onde estava
o Padre, se
moveu.

E, como ia

afrontada do
caminho, Tão
fermosa no gesto
se mostrava Que
as Estrelas e o Céu
e o Ar vizinho E
tudo quanto a via,
namorava. Dos
olhos, onde faz seu
filho o ninho, Uns
espíritos vivos
inspirava,
Com que os
Pólos gelados
acendia, E
tornava do Fogo
a Esfera, fria.

E, por mais namorar
o soberano Padre,
de quem foi sempre
amada e cara, Se
lh'apresenta assi
como ao Troiano,
Na selva Ideia, já se
apresentara.

Se a vira o caçador
que o vulto humano
Perdeu, vendo
Diana na água

clara, Nunca os
famintos galgos o
mataram, Que
primeiro desejos o
acabaram.

Os crespos fios
d'ouro se
esparziam Pelo
colo que a neve
escurecia;
Andando, as lácteas
tetas lhe tremiam,
Com quem Amor
brincava e não se
via; Da alva
petrina flamas lhe
saíam,
Onde o Minino as almas acendia.
Polas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

Cum delgado
cendal as partes
cobre De quem
vergonha é natural
reparo; Porém nem
tudo esconde nem
descobre O véu,
dos roxos lírios

pouco avaro; Mas,
pera que o desejo
acenda e dobre,
L'he põe diante
aquele objecto raro.
Já se sentem no
Céu, por toda a
parte, Ciúmes em
Vulcano, amor em
Marte.

E mostrando no
angélico
sembrante Co
riso ùa tristeza
misturada,
Como dama que
foi do incauto
amante Em
brincos amorosos
mal tratada,
Que se aqueixa e se ri
num mesmo instante
E se torna entre
alegre, magoada,
Destarte a Deusa a
quem nenhũa
igual, Mais
mimosa que triste
ao Padre fala:

«Sempre eu cuidei, ó
Padre poderoso, Que,
pera as cousas que eu
do peito amasse, Te
achasse brando, afábil
e amoroso, Posto que
a algum contrairo lhe
pesasse; Mas, pois
que contra mi te vejo
iroso, Sem que to
merecesse nem te
errasse, Faça-se
como Baco
determina;
Assentarei, enfim, que fui mofina.

«Este povo, que é
meu, por quem
derramo. As lágrimas
que em vão caídas
vejo, Que assaz de
mal lhe quero, pois
que o amo, Sendo tu
tanto contra meu
desejo;
Por ele a ti
rogando, choro e
bramo, E contra
minha dita enfim
pelejo.

Ora pois, porque o
amo é mal tratado;
Quero-lhe querer
mal, será
guardado.

«Mas mouroa enfim nas
mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui.» E
nisto, de mimosa, O
rosto banha em
lágrimas ardentes,
Como co orvalho fica a
fresca rosa. Calada um
pouco, como se entre
os dentes Lhe impedira
a fala piedosa,
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

E destas brandas
mostras comovido,
Que moveram de
um tigre o peito
duro, Co vulto
alegre, qual, do Céu
subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe
alimpa e,
acendido, Na face

a beija e abraça o
colo puro; De
modo que dali, se
só se achara,
Outro novo
Cupido se gerara

E, co seu
apertando o rosto
amado, Que os
saluços e
lágrimas
aumenta, Como
minino da ama
castigado,
Que quem no afaga o
choro lhe acrecenta,
Por lhe pôr em
sossego o peito
irado, Muitos casos
futuros lhe apresenta.
Dos Fados as
entranhas
revolvendo, Desta
maneira enfim lhe
está dizendo:

- «Fermosa filha
minha, não temais
Perigo algum nos

vossos Lusitanos,
Nem que ninguém
comigo possa mais
Que esses chorosos
olhos soberanos;
Que eu vos
prometo, filha, que
vejais
Esquecerem-se
Gregos e
Romanos, Pelos
ilustres feitos que
esta gente Há-de
fazer nas partes do
Oriente.

«Que, se o
facundo Ulisses
escapou De ser na
Ogígia Ilha eterno
escravo, E se
Antenor os seios
penetrou
Ilíricos e a fonte de Timavo,
E se o piadoso Eneias navegou
De Cila e de
Caríbdis o mar
bravo, Os vossos,
mores cousas
atentando, Novos

mundos ao mundo
irão mostrando.

«Fortalezas,
cidades e altos
muros Por eles
vereis, filha,
edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros
Deles sempre
vereis
desbaratados;
Os Reis da Índia,
livres e seguros,
Vereis ao Rei
potente
sojugados,
E por eles, de
tudo enfim
senhores, Serão
dadas na terra
leis melhores.

«Vereis este que
agora, pressuroso,
Por tantos medos o
Indo vai buscando,
Tremer dele
Neptuno de
medroso, Sem

vento suas águas
encrespando. Ó
caso nunca visto e
milagroso,
Que trema e ferva o
mar, em calma
estando! Ó gente
forte e de altos
pensamentos, Que
também dela hão
medo os Elementos!

«Vereis a terra que a
água lhe tolhia, Que
inda há-de ser um
porto mui decente,
Em que vão
descansar da longa
via As naus que
navegarem do
Ocidente Toda esta
costa, enfim, que
agora urdia O
mortífero engano,
obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir
ao Luso horrendo.

«E vereis o Mar

Roxo, tão famoso,

Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado e sojugado.

Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra
os vossos, claro veja
Que, se resiste,
contra si peleja.

«Vereis a inexpugnável Dio forte
Que dous cercos
terá, dos vossos
sendo; Ali se
mostrará seu preço
e sorte,

Feitos de armas
grandíssimos
fazendo. Envejoso
vereis o grão

Mavorte

Do peito Lusitano, fero e horrendo;
Do Mouro ali verão que
a voz extrema do falso.

Mahamede ao Céu
blasfema.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
O qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Cos triunfos da gente vencedora.
Ali, soberba, ativa e exalçada,
Ao Gentio que os Ídolos adora
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

«Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com
pouca força e
gente; E vereis
Calecu
desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito soberbo e insolente
Que cítara jamais cantou vitória
Que assi mereça eterno nome e glória.

«Nunca com Marte
instruto e furioso
Se viu ferver
Leucate, quando
Augusto Nas civis
Áctias guerras,
animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,
Que dos povos de

Aurora e do
famoso Nilo e do
Bactra Cítico e
robusto

A vitória trazia e presa rica,
Preso da Egípcia linda e não pudica,

«Como vereis o
mar fervendo aceso
Cos incêndios dos
vossos, pelejando,
Levando o
Idololatra e o
Mouro preso, De
nações diferentes
triunfando;

E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,
Até o longico China navegando
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

«De modo, filha
minha, que de jeito
Amostrarão
esforço mais que
humano, Que
nunca se verá tão
forte peito,

Do Gangético mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas ao Estreito
Que mostrou o agravado Lusitano,

Posto que em todo o
mundo, de
afrontados,
Re[s]sucitassem
todos os passados.»
Como isto disse,
manda o
consagrado Filho
de Maia à Terra,
por que tenha Um
pacífico porto e
sossegado,
Pera onde sem
receio a frota
venha; E, pera que
em Mombaça,
aventurado, O
forte Capitão se
não detenha,
Lhe manda mais que
em sonhos lhe
mostrasse A terra
onde quieto
repousasse.

Já pelo ar o Cileneu voava;
Com as asas nos pés à Terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos
cansados

adormece; Com
esta, as tristes
almas revocava
Do Inferno, e o
vento lhe obedece;
Na cabeça o galero
costumado;
E destarte a Melinde foi chegado.

Consigo a Fama leva,
por que diga Do
Lusitano o preço
grande e raro, Que o
nome ilustre a um
certo amor obriga, E
faz, a quem o tem,
amado e caro.

Destarte vai fazendo
a gente, amiga, Co
rumor famosíssimo e
perclaro.

Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

Dali pera Mombaça logo parte,
Aonde as naus
estavam
temerosas, Pera
que à gente mande
que se aparte Da
barra imiga e

terras suspeitosas;
Porque mui pouco
val esforço e arte
Contra infernais
vontades
enganosas; Pouco
val coração,
astúcia e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

Meio caminho a
noite tinha
andado, E as
Estrelas no Céu,
co a luz alheia,
Tinham largo
Mundo alumiado,
E só co sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso
antão aos olhos
dava, A outra
gente a quartos
vigiava;

Quando Mercúrio
em sonhos lhe
aparece, Dizendo: -
«fuge, fuge,

Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim
e extremo dano!
Fuge, que o vento e
o Céu te favorece;
Serenos o tempo
e o Oceano,
E outro Rei mais
amigo, noutra
parte, Onde podes
seguro
agasalhar-te!

«Não tens aqui senão aparelhado
O hospício que o
cru Diomedes
dava, Fazendo ser
manjar
acostumado
De cavalos a
gente que
hospedava; As
aras de Busíris
infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Fuge das gentes pérfidas e feras!

- «Vai-te ao longo
da costa

discorrendo E
outra terra acharás
de mais verdade Lá
quási junto donde o
Sol, ardendo,
Iguala o dia e
noite em
quantidade; Ali
tua frota alegre
recebendo,
Um Rei, com
muitas obras de
amizade,
Gasalhado seguro
te daria
E, pera a Índia, certa e sábia guia.»

Isto Mercúrio disse, e
o sono leva Ao
Capitão, que, com
mui grande espanto,
Acorda e vê ferida a
escura treva De ùa
súbita luz e raio
santo;
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra
inica tanto, Com
novo esprito ao
mestre seu mandava

Que as velas desse ao
vento que assoprava.

- «Dai velas (disse)
dai ao largo vento,
Que o Céu nos
favorece e Deus o
manda; Que um
mensageiro vi do
claro Assento, Que
só em favor de
nossos passos anda.»

Alevanta-se nisto o
movimento

Dos marinheiros, de
ũa e de outra banda;
Levam gritando as
âncoras acima,
Mostrando a ruda
força que se estima.

Neste tempo que as
ancoras levavam,
Na sombra escura os
Mouros escondidos
Mansamente as
amarras lhe
cortavam, Por
serem, dando à
costa, destruídos;
Mas com vista de

lince vigiavam Os
Portugueses, sempre
apercebidos; Eles,
como acordados os
sentiram, Voando, e
não remando, lhe
fugiram.

Mas já as agudas
proas apartando
Iam as vias
húmidas de
argento;
Assopra-lhe galerno
o vento e brando,
Com suave e seguro
movimento. Nos
perigos passados
vão falando, Que
mal se perderão do
pensamento Os
casos grandes,
donde em tanto
aperto A vida em
salvo escapa por
acerto.

Tinha ùa volta
dado o Sol ardente
E noutra

começava, quando
viram No longe
dous navios,
brandamente Cos
ventos navegando,
que respiram.
Porque haviam de
ser da Maura
gente, Pera eles
arribando, as velas
viram. Um, de
temor do mal que
arreceava, Por se
salvar a gente à
costa dava.

Não é o outro que
fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai
cair do Lusitano,
Sem o rigor de
Marte furioso.
E sem a fúria
horrenda de
Vulcano; Que,
como fosse débil
e medroso.
Da pouca gente o
fraco peito
humano, Não teve

resistência; e, se a
tivera, Mais dano,
resistindo,
recebera.

E como o Gama muito desejasse
Piloto pera a Índia, que buscava,
Cuidou que entre
estes Mouros o
tomasse, Mas não
lhe sucedeu como
cuidava; Que
nenhum deles há que
lhe ensinasse A que
parte dos céus a
Índia estava; Porém
dizem-lhe todos que
tem perto Melinde,
onde acharão piloto
certo.

Louvam do Rei os
Mouros a bondade,
Condição liberal,
sincero peito,
Magnificência
grande e
humanidade,
Com partes de
grandíssimo
respeito. O

Capitão o assela
por verdade,
Porque já lho dissera deste jeito
O Cileneu em sonhos; e partia
Pera onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

Era no tempo alegre,
quando entrava No
roubador de Europa a
luz Febeia, Quando
um e o outro corno
lhe aqueitava, E
Flora derramava o de
Amalteia; A
memória do dia
renovava
O pres[s]uroso Sol,
que o Céu rodeia,
Em que Aquele a
quem tudo está
sujeito O selo pôs a
quanto tinha feito;
Quando chegava a
frota àquela parte
Onde o Reino
Melinde já se via,
De toldos
adornada e leda de
arte Que bem

mostra estimar o
Santo dia. Treme
a bandeira, voa o
estandarte, A cor
purpúrea ao longe
aparecia; Soam os
atambores e
pandeiros;
E assi entravam ledos e guerreiros.

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem
ver a leda armada,
Gente mais
verdadeira e mais
humana Que toda
a doutra terra atrás
deixada. Surge
diante a frota
Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada;
Mandam fora um dos
Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda
ao Rei manifestaram.

O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os
Portugueses
engrandece,
Tomarem o seu

porto tanto preza
Quanto a gente
fortíssima merece;
E com verdadeiro
ânimo e pureza,
Que os peitos
generosos
ennobrece, Lhe
manda rogar muito
que saíssem Pera
que de seus reinos
se servissem.

São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras,
não dobradas, As
que o Rei manda aos
nobres cavaleiros
Que tanto mar e
terras têm
passadas.
Manda-lhe mais
lanígeros
carneiros E
galinhas
domésticas
cevadas,
Com as frutas que
antão na terra
havia; E a vontade

à dádiva excedia.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo e seu recado;
E logo manda ao

Rei outro
presente, Que de
longe trazia
aparelhado:

Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das
águas mole
crece, E, como é
fora delas, se
endurece.

Manda mais um,
na prática elegante,
Que co Rei nobre
as pazes
concertasse E que
de não sair,
naquele instante,
De suas naus em
terra, o
desculpasse.

Partido assi o
embaixador
prestante, Como
na terra ao Rei se

apresentasse, Com
estilo que Palas lhe
ensinava, Estas
palavras tais
falando orava:

- «Sublime Rei, a
quem do Olimpo
puro Foi da suma
Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele
amado, que
temido: Como
porto mui forte e
mui seguro, De
todo o Oriente
conhecido,
Te vimos a buscar,
pera que achemos
Em ti o remédio
certo que
queremos.

«Não somos
roubadores que,
passando Pelas
fracas cidades
descuidadas,
A ferro e a fogo as

gentes vão
matando, Por
roubar-lhe as
fazendas cobiçadas;
Mas, da soberba
Europa navegando,
Imos buscando as
terras apartadas
Da Índia, grande e
rica, por mandado
De um Rei que
temos, alto e
sublimado.

«Que geração tão
dura há i de gente,
Que bárbaro costume
e usança feia, Que
não vedem os portos
tão somente, Mas
inda o hospício da
deserta areia? Que
má tenção, que peito
em nós se sente,
Que de tão pouca
gente se arreceia?
Que, com laços
armados, tão
fingidos, Nos
ordenassem ver-nos

destruídos?

«Mas tu, em quem
mui certo
confiamos
Achar-se mais
verdade, ó Rei
benino, E aquela
certa ajuda em ti
esperamos
Que teve o
perdido Ítaco em
Alcino, A teu
porto seguros
navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos
manda, está mui Claro
Que és de peito
sincero, humano e
raro.

«E não cuides, ó
Rei, que não
saísse O nosso
Capitão
esclarecido
A ver-te ou a
servir-te, porque
visse Ou suspeitasse
em ti peito fingido;

Mas saberás que o
fez, por que
cumprisse O
regimento, em tudo
obedecido,
De seu Rei, que lhe
manda que não saia,
Deixando a frota, em
nenhum porto ou
praia.

«E porque é de
vassalos o exercício
Que os membros
têm, regidos da
cabeça, Não
quererás, pois tens de
Rei o ofício, Que
ninguém a seu Rei
desobedeça; Mas as
mercês e o grande
benefício Que ora
acha em ti, promete
que conheça Em
tudo aquilo que ele e
os seus puderem,
Enquanto os rios pera
o mar correrem.»

Assi dizia; e todos juntamente,

Uns com outros em
prática falando,
Louvavam muito o
estômago da gente
Que tantos céus e
mares vai
passando; E o Rei
ilustre, o peito
obediente
Dos Portugueses
na alma
imaginando, Tinha
por valor grande e
mui subido O do
Rei que é tão longe
obedecido;

E com risonha vista e
ledo aspeito,
Responde ao
embaixador, que tanto
estima: - «Toda a
suspeita má tirai do
peito, Nenhum frio
temor em vós se
imprima, Que vosso
preço e obras são de
jeito Pera vos ter o
mundo em muita
estima; E quem vos

fez molesto
tratamento Não pode
ter subido
pensamento.

«De não sair em
terra toda a gente,
Por observar a
usada
preminência,
Ainda que me
pese
estranhamente,
Em muito tenho a
muita obediência

Mas, se lho o
regimento não
consente, Nem eu
consentirei que a
excelência De
peitos tão leais em
si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

«Porém, como a
luz crástica
chegada Ao
mundo for, em
minhas almadias
Eu irei visitar a

forte armada,
Que ver tanto
desejo há tantos
dias. E, se vier
do mar
desbaratada
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições e mantimentos.»

Isto disse; e nas
águas se
escondia O filho
de Latona; e o
mensageiro, Co
a embaixada,
alegre se partia
Pera a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os
peitos todos de
alegria, Por terem
o remédio
verdadeiro
Pera acharem a
terra que
buscavam; E assi
ledos a noite
festejavam.
Não faltam ali os
raios de artifício,

Os trémulos
cometas
imitando;
Fazem os
bombardeiros seu
ofício, O céu, a terra
e as ondas atroando;
Mostra-se dos
Ciclopas o exercício,
Nas bombas que de
fogo estão
queimando; Outros
com vozes com que o
céu feriam,
Instrumentos
altíssimos tangiam.

Respondem-lhe
da terra
juntamente, Co
raio volteando
com zunido;
Anda em giros no
ar a roda ardente,
Estoura o pó
sulfúreo
escondido; A
grita se alevanta
ao céu, da gente;
O mar se via em

fogos acendido E
não menos a terra;
e assi festeja Um
ao outro, à
maneira de peleja.

Mas já o Céu
inquieto,
revolvendo, As
gentes incitava a
seu trabalho; E já a
mãe de Menon, a
luz trazendo Ao
sono longo punha
certo atalho;
Iam-se as sombras
lentas desfazendo,
Sobre as flores da
terra em frio
orvalho, Quando o
Rei Melindano se
embarcava, A ver a
frota que no mar
estava.

Viam-se em
derredor ferver as
praias, Da gente
que a ver só
concorre leda;

Luzem da fina
púrpura as cabaías,
Lustram os panos
da tecida seda.

Em lugar de
guerreiras azagaias
E do arco que os
cornos arremeda
Da Lúa, trazem
ramos de
palmeira, Dos
que vencem,
coroa verdadeira.

Um batel grande e
largo, que toldado
Vinha de sedas de
diversas cores,
Traz o Rei de
Melinde,
acompanhado De
nobres de seu
Reino e de
senhores. Vem de
ricos vestidos
adornado,
Segundo seus
costumes e
primores; Na
cabeça, ùa fota

guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida;
Cabaia de Damasco rico e dino,
Da Tíria cor,
entre eles
estimada; Um
colar ao pescoço,
de ouro fino,
Onde a matéria da
obra é superada,
Cum resplendor
reluze
adamantino; Na
cinta a rica adaga,
bem lavrada;
Nas alparcas dos
pés, em fim de
tudo, Cobrem
ouro e aljôfar ao
veludo.

Com um redondo
emparo alto de
seda, Nüa alta e
dourada hástea
enxerido, Um
ministro à solar
quentura veda Que
não ofenda e

queime o Rei
subido. Música
traz na proa,
estranha e leda, De
áspero som,
horríssonos ao
ouvido,
De trombetas
arcadas em redondo,
Que, sem concerto,
fazem rudo
estrondo.

Não menos
guarnecido, o
Lusitano, Nos
seus batéis, da
frota se partia, A
receber no mar o
Melindano,
Com lustrosa e
honrada companhia.

Vestido o Gama
vem ao modo
Hispano, Mas
Francesa era a
roupa que vestia,
De cetim da

Adriática Veneza,

Carmesi, cor que a gente tanto preza;

De botões d'ouro as
mangas vêm
tomadas Onde o
Sol, reluzindo, a
vista cega; As
calças soldadescas,
recamadas Do metal
que Fortuna a tantos
nega; E com pontas
do mesmo,
delicadas, Os golpes
do gibão ajunta e
achega; Ao Itálico
modo a áurea
espada;
Pruma na gorra, um pouco declinada.

Nos de sua
companhia se
mostrava Da
tinta que dá o
múrice excelente
A vária cor, que
os olhos alegrava,
E a maneira do
trajo diferente.
Tal o formoso esmalte se notava
Dos vestidos,
olhados
juntamente,

Qual aparece o
arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante.

Sonorosas trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando;
Dos Mouros os
batéis o mar
coalhavam, Os
toldos pelas águas
arrojando;
As bombardas
horríssonas
bramavam, Com as
nuvens de fumo o Sol
tomando;
Amiúdam-se os
brados acendidos,
Tapam com as mãos
os Mouros os
ouvidos.

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos
seus braços o
levava; Ele, co a
cortesia que a
razão
(Por ser Rei)
requeria, lhe

falava. Cüas
mostras de espanto
e admiração, O
Mouro o gesto e o
modo lhe notava,
Como quem em mui
grande estima tinha
Gente que de tão
longe à Índia vinha.

E com grandes
palavras lhe oferece
Tudo o que de seus
reinos lhe
cumprisse, E que,
se mantimento lhe
falece,
Como se próprio
fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais que
por fama bem
conhece A gente
Lusitana, sem que a
visse; Que já ouviu
dizer que noutra
terra Com gente de
sua Lei tivesse
guerra;

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os

grandes feitos que
fizeram Quando
nela ganharam a
coroa

Do Reino onde as
Hespéridas
viveram; E com
muitas palavras
apregoa

O menos que os
de Luso
mereceram E o
mais que pela
fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o
Gama respondia:

- «Ó tu que, só, tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta
miséria e
adversidade Dos
mares exprimenta
a fúria insana:
Aquela alta e
divina Eternidade
Que o Céu revolve e
rege a gente humana,
Pois que de ti tais
obras recebemos, Te

pague o que nós
outros não podemos.

«Tu só, de todos
quantos queima
Apolo, Nos recebes
em paz, do mar
profundo; Em ti, dos
ventos hórridos de
Eolo Refúgio
achamos, bom, fido e
jocundo. Enquanto
apacentar o largo
Pólo As Estrelas, e o
Sol der lume ao
Mundo, Onde quer
que eu viver, com
fama e glória
Viverão teus louvores
em memória.»

Isto dizendo, os
barcos vão
remando Pera a
frota, que o Mouro
ver deseja; Vão as
naus ùa e ùa
rodeando,
Por que de todas
tudo note e veja.
Mas pera o Céu

Vulcano
fuzilando, A
frota co as
bombardas o
festeja E as
trombetas canoras
lhe tangiam; Cos
anafis os Mouros
respondiam.

Mas, depois de
ser tudo já
notado Do
generoso Mouro,
que pasmava
Ouvindo o
instrumento
inusitado,

Que tamanho
terror em si
mostrava,
Mandava estar
quieto e ancorado
N'água o batel
ligeiro que os
levava, Por falar
de vagar co forte
Gama Nas cousas
de que tem notícia
e fama.

Em práticas o Mouro diferentes
Se deleitava,
perguntando agora
Pelas guerras
famosas e
excelentes Co
povo havidas que a
Mafoma adora;
Agora lhe pergunta
pelas gentes De
toda a Hespéria
última, onde mora;
Agora, pelos povos
seus vizinhos,
Agora, pelos
húmidos caminhos.

- «Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta (lhe dizia), diligente,
Da terra tua o clima e região
Do mundo onde
morais,
distintamente; E
assi de vossa antiga
geração,
E o princípio do
Reino tão potente,
Cos sucessos das
guerras do começo,

Que, sem sabê-las,
sei que são de
preço;

«E assi também
nos conta dos
rodeios Longos
em que te traz o
Mar irado,
Vendo os costumes
bárbaros, alheios,
Que a nossa Africa
ruda tem criado;
Conta, que agora
vêm cos áureos
freios Os cavalos
que o carro
marchetado Do
novo Sol, da fria
Aurora trazem; O
vento dorme, o mar
e as ondas jazem.

«E não menos co tempo se parece
O desejo de ouvir-te
o que contares;
Que quem há que
por fama não
conhece As obras
Portuguesas
singulares?

Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, pera julgares
Que os Melindanos
têm tão rudo peito
Que não estimem
muito um grande
feito.

«Cometeram
soberbos os
Gigantes, Com
guerra vã, o Olimpo
claro e puro;
Tentou Perito e
Teseu, de
ignorantes, O Reino
de Plutão, horrendo
e escuro. Se houve
feitos no mundo tão
possantes, Não
menos é trabalho
ilustre e duro,
Quanto foi cometer
Inferno e Céu, Que
outrem cometa a
fúria de Nereu.

«Queimou o
sagrado templo de
Diana, Do sutil

Tesifónio
fabricado,
Heróstrato, por
ser da gente
humana
Conhecido no
mundo e
nomeado.
Se também com
tais obras nos
engana O desejo
de um nome
aventajado,
Mais razão há que
queira eterna glória
Quem faz obras tão
dinas de memória.».

Canto III

AGORA tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama;

Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal,
que tanto te ama.

Assi o claro
inventor da
Medicina, De
quem Orfeu

pariste, ó linda
Dama, Nunca por
Dafne, Clície ou
Leucotoe, Te
negue o amor
devido, como soe.

Põe tu, Ninfa, em
efeito meu desejo,
Como merece a
gente Lusitana;
Que veja e saiba o
mundo que do Tejo
O licor de Aganipe
corre e mana.

Deixa as flores de
Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo
na água soberana;
Senão direi que
tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orfeio.

Prontos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de
um pouco estar
cuidando
Alevantando o rosto,
assi dizia:

- «Mandas-me, ó Rei, que conte

declarando

De minha gente a
grão genealogia;
Não me mandas
contar estranha
história, Mas
mandas-me louvar
dos meus a glória.

«Que outrem possa
louvar esforço
alheio, Couse é que
se costuma e se
deseja; Mas louvar
os meus próprios,
arreceio Que louvor
tão suspeito mal me
esteja; E, pera dizer
tudo, temo e creio
Que qualquer
longo tempo curto
seja; Mas, pois o
mandas, tudo se te
deve; Irei contra o
que devo, e serei
breve.

«Além disso, o que a
tudo enfim me obriga
É não poder mentir
no que disser,

Porque de feitos tais,
por mais que diga,
Mais me há-de ficar
inda por dizer. Mas,
porque nisto a ordem
leve e siga, Segundo
o que desejas de
saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

«Entre a Zona que
o Cancro
senhoreia, Meta
Setentrional do Sol
luzente, E aquela
que por fria se
arreceia

Tanto, como a do
meio por ardente,
Jaz a soberba
Europa, a quem
rodeia, Pela parte
do Arcturo e do
Ocidente.

Com suas salsas
ondas o Oceano,
E pela Austral, o
Mar Mediterraneo.

Da parte donde o

dia vem nascendo,
Com Asia se
avizinha; mas o
rio Que dos
Montes Rifeios vai
correndo Na
alagoa Meótis,
curvo e frio,
As divide, e o mar
que, fero e
horrendo, Viu dos
Gregos o irado
senhorio, Onde
agora de Tróia
triunfante
Não vê mais que a memória o
navegante.

«Lá onde mais
debaxo está do
Pólo Os Montes
Hiperbóreos
aparecem E
aqueles onde
sempre sopra
Eolo,
E co nome dos
sopros se
ennobrecem Aqui
tão pouca força têm

de Apolo Os raios
que no mundo
resplandecem, que
a nEve está contino
pelos montes,
Gelado o mar,
geladas sempre as
fontes.

«Aqui dos Citas
grande quantidade
Vivem, que
antigamente grande
guerra Tiveram,
sobre a humana
antiguidade,
Cos que tinham
antão a Egípcia
terra; Mas quem
tão fora estava da
verdade (Já que o
juízo humano
tanto erra), Pera
que do mais certo
se informara, Ao
campo Damasceno
o perguntara.

«Agora nestas partes se nomeia
A Lápia fria, a inculta Noruega,
Escandinávia Ilha, que se arreia

Das vitórias que Itália não lhe nega.
Aqui, enquanto as
águas não refreia
O congelado
Inverno, se
navega
Um braço do Sarmático Oceano
Pelo Brús[s]io, Suécio e frio Dano.

«Entre este Mar e o
Tánais vive estranha
Gente, Rutenos,
Moscos e Livónios,
Sármatas outro
tempo; e na
montanha Hircínia
os Marcomanos são
Polónios. Sujeitos
ao Império de
Alemanha São
Saxones, Boémios e
Panónios E outras
várias nações, que o
Reno frio Lava, e o
Danúbio, Amásis e
Álbis rio.

«Entre o remoto
Istro e o claro
Estreito Aonde
Hele deixou, co

nome, a vida,
Estão os Traces de
robusto peito, Do
fero Marte pátria
tão querida, Onde,
co Hemo, o
Ródope sujeito Ao
Otomano está, que
sometida
Bizâncio tem a
seu serviço
indino: - Boa
injúria do grande
Costantino!

«Logo de
Macedónia estão
as gentes, A quem
lava do Áxio a
água fria; E vós
também, ó terras
excelentes
Nos costumes,
engenhos e
ousadia, Que
criastes os peitos
eloquentes E os
juízos de alta
fantasia,
Com quem tu, clara

Grécia, o Céu
penetras, E não
menos por armas, que
por letras.

«Logo os
Dálmatas vivem;
e no seio Onde
Antenor já muros
levantou, A
soberba Veneza
está no meio
Das águas, - que tão
baxa começou. Da
terra um braço vem
ao mar, que, cheio
De esforço, nações
várias sujeitou;
Braço forte, de gente
sublimada
Não menos nos engenhos que na
espada.

«Em torno o cerca
o Reino Neptunino,
Cos muros naturais
por outra parte;
Pelo meio o divide
o Apenino,
Que tão ilustre fez o
pátrio Marte; Mas,

despois que o
Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço
veio e bélica arte;
Pobre está já de
antiga potestade.
Tanto Deus se
contenta de
humildade!

«Gália ali se verá, que nomeada
Cos Cesáreos
triunfos foi no
mundo; Que do
Séquana e Ródano
é regada E do
Garuna frio e
Reno fundo.

Logo os montes da
Ninfa sepultada,
Pirene, se
alevantam, que,
segundo
Antiguidades
contam, quando
arderam, Rios de
ouro e de prata
antão correram.

«Eis aqui se
descobre a nobre

Espanha, Como
cabeça ali de
Europa toda, Em
cujo senhorio e
glória estranha
Muitas voltas tem
dado a fatal roda;
Mas nunca poderá,
com força ou
manha, A Fortuna
inquieta por-lhe
noda
Que lha não tire o
esforço e ousadia
Dos belicosos
peitos que em si
cria.

«Com Tingitânia
entesta; e ali
parece Que quer
fechar o Mar
Mediterrano Onde
o sabido Estreito
se ennobrece Co
extremo trabalho
do Tebano.
Com nações
diferentes se
engrandece,

Cercadas com as
ondas do Oceano;
Todas de tal
nobreza e tal valor
Que qualquer delas cuida que é melhor.

«Tem o
Tarragonês, que se
fez claro
Sujeitando
Parténope
inquieta;
O Navarro, as
Astúrias, que
reparo Já foram
contra a gente
Mahometa; Tem o
Galego cauto e o
grande e raro
Castelhano, a
quem fez o seu
Planeta
Restituidor de
Espanha e senhor
dela; Bétis, Lião,
Granada, com
Castela.

«Eis aqui, quási cume da cabeça
De Europa toda, o
Reino Lusitano,

Onde a terra se
acaba e o mar
começa E onde
Febo repousa no
Oceano.

Este quis o Céu justo que floreça
Nas armas contra
o torpe Mauritano,
Deitando-o de si
fora; e lá na
ardente África
estar quieto o não
consente.

«Esta é a ditosa
pátria minha amada,
À qual se o Céu me
dá que eu sem
perigo Torne, com
esta empresa já
acabada, Acabe-se
esta luz ali comigo.

Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa,
que de Baco antigo
Filhos foram,
parece, ou
companheiros, E
nela antão os
íncolas primeiros.

«Desta o pastor
nasceu que no seu
nome Se vê que de
homem forte os
feitos teve; Cuja
fama ninguém virá
que dome, Pois a
grande de Roma não
se atreve. Esta, o
Velho que os filhos
próprios come, Por
decreto do Céu,
ligeiro e leve, Veio a
fazer no mundo tanta
parte, Criando-a
Reino ilustre; e foi
destarte:

«Um Rei, por nome
Afonso, foi na
Espanha, Que fez aos
Sarracenos tanta
guerra, Que, por
armas sanguinas,
força e manha, A
muitos fez perder a
vida e a terra. Voando
deste Rei a fama
estranha Do
Herculano Calpe à

Cáspia Serra, Muitos,
pera na guerra
esclarecer-se, Vinham
a ele e à morte
oferecer-se.

«E com um amor
intrínseco acendidos
Da Fé, mais que das
honras populares,
Eram de várias terras
conduzidos,
Deixando a pátria
amada e próprios
lares.

Despois que em
feitos altos e
subidos Se
mostraram nas
armas singulares,
Quis o famoso
Afonso que obras
tais Levassem
prémio dino e dões
iguais.

«Destes Anrique
(dizem que segundo
Filho de um Rei de
Hungria
exprimentado)

Portugal houve em
sorte, que no mundo
Então não era ilustre
nem prezado; E, pera
mais sinal de amor
profundo, Quis o Rei
Castelhano que
casado Com Teresa,
sua filha, o Conde
fosse; E com ela das
terras tomou posse.

«Este, depois que
contra os
descendentes Da
escrava Agar vitórias
grandes teve,
Ganhando muitas
terras adjacentes,
Fazendo o que a seu
forte peito deve, Em
prémio destes feitos
excelentes Deu-lhe o
supremo Deus, em
tempo breve, Um
filho que ilustrasse o
nome ufano Do
belicoso Reino
Lusitano.

«Já tinha vindo

Anrique da
conquista Da
cidade
Hierosólíma
sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que viu de Deus a
carne em si lavada
(Que, não tendo
Gotfredo a quem
resista, Depois de
ter Judeia sojugada,
Muitos que nestas
guerras o ajudaram
Pera seus
senhorios se
tornaram);

«Quando, chegado
ao fim de sua idade,
O forte e famoso
Húngaro
estremado,
Forçado da fatal
necessidade,
O espirito deu a
Quem lho tinha
dado. Ficava o
filho em tenra
mocidade, Em

quem o pai deixava
seu traslado, Que
do mundo os mais
fortes igualava:
Que de tal pai tal
filho se esperava.

«Mas o velho rumor
- não sei se errado,
Que em tanta
antiguidade não há
certeza - Conta que
a mãe, tomando todo
o estado,
Do segundo
himeneu não se
despreza. O filho
órfão deixava
deserdado,
Dizendo que nas
terras a grandeza
Do senhorio todo
só sua era,
Porque, pera casar, seu pai lhas dera.

«Mas o Príncipe
Afonso (que
destarte Se
chamava, do avô
tomando o nome),
Vendo-se em suas

terras não ter parte,
Que a mãe com seu
marido as manda e
come, Fervendo-lhe
no peito o duro Marte,
Imagina consigo como
as tome:

Revolvidas as causas no conceito,
Ao propósito firme segue o efeito.

«De Guimarães o campo se tingia
Co sangue proprio
da intestina guerra,
Onde a mãe, que
tão pouco o
parecia, A seu
filho negava o
amor e a terra.

Co ele posta em
campo já se via; E
não vê a soberba o
muito que erra
Contra Deus,
contra o maternal
amor; Mas nela o
sensual era maior.

«Ó Progne crua, ó
mágica Medeia! Se
em vossos próprios
filhos vos vingais

Da maldade dos
pais, da culpa
alheia, Olhai que
inda Teresa peca
mais! Incontinência
má, cobiça feia,
São as causas
deste erro
principais: Cila,
por ùa mata o
velho pai;
Esta, por ambas, contra o filho vai.

«Mas já o Príncipe
claro o vencimento
Do padrasto e da
única mãe levava;
Já lhe obedece a
terra, num
momento, Que
primeiro contra ele
pelejava; Porém,
vencido de ira o
entendimento, A
mãe em ferros
ásperos atava;
Mas de Deus foi
vingada em tempo
breve. Tanta
veneração aos pais se

deve!

«Eis se ajunta o
soberbo
Castelhano Pera
vingar a injúria de
Teresa,
Contra o, tão raro
em gente, Lusitano,
A quem nenhum
trabalho agrava ou
pesa. Em batalha
cruel, o peito
humano, Ajudado
da Angélica defesa,
Não só contra tal
fúria se sustenta,
Mas o inimigo
aspérrimo
afugenta.

«Não passa muito
tempo, quando o
forte Príncipe em
Guimarães está
cercado De infinito
poder, que desta
sorte Foi refazer-se
o imigo magoado;
Mas, com se
oferecer à dura

morte O fiel Egas
amo, foi livrado;
Que, de outra arte,
pudera ser perdido,
Segundo estava
mal apercebido.

«Mas o leal vassalo,
conhecendo Que seu
senhor não tinha
resistência, Se vai
ao Castelhana,
prometendo Que ele
faria dar-lhe
obediência. Levanta
o inimigo o cerco
horrendo, Fiado na
promessa e
consciência De Egas
Moniz; mas não
consente o peito Do
moço ilustre a
outrem ser sujeito.

«Chegado tinha o
prazo prometido,
Em que o Rei
Castelhano já
aguardava Que o
Príncipe, a seu
mando sometido.

Lhe desse a
obediência que
esperava. Vendo
Egas que ficava
fementido, O que
dele Castela não
cuidava,
Determina de dar
a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

«E com seus
filhos e mulher se
parte A alevantar
co eles a fiança,
Descalços e
despidos, de tal arte
Que mais move a
piedade que a
vingança.

- «Se pretendes,
Rei alto, de
vingar-te De
minha temerária
confiança
(Dizia) eis aqui
venho oferecido
A te pagar co a
vida o
prometido

«Vês aqui trago as
vidas inocentes Dos
filhos sem pecado e
da consorte; Se a
peitos generosos e
excelentes Dos
fracos satisfaz a fera
morte, Vês aqui as
mãos e a língua
delinquentes: Nelas
sós exprimenta toda
sorte De tormentos,
de mortes, pelo
estilo De Sínis e do
touro de Perilo.»

«Qual diante do
algoz o
condenado, Que já
na vida a morte
tem bebido, Põe
no cepo a garganta
e já entregado
Espera pelo golpe
tão temido:
Tal diante do
Príncipe
indinado Egas
estava, a tudo
oferecido.

Mas o Rei vendo a
estranha lealdade,
Mais pôde, enfim,
que a ira, a
piedade.

«Ó grão fidelidade Portuguesa
De vassalo, que a
tanto se obrigava!
Que mais o Persa
fez naquela
empresa Onde
rosto e narizes se
cortava? Do que
ao grande Dario
tanto pesa, Que
mil vezes dizendo
suspirava Que
mais o seu Zopiro
são prezara Que
vinte Babilónias
que tomara.

«Mas já o Príncipe
Afonso aparelhava
O Lusitano
exército ditoso,
Contra o Mouro
que as terras
habitava De além
do claro Tejo

deleitoso; Já no
campo de Ourique
se assentava O
arraial soberbo e
belicoso,
Defronte do inimigo
Sarraceno, Posto
que em força e
gente tão pequeno,

«Em nenhũa outra
cousa confiado,
senão no sumo
Deus que o Céu
regia, Que tão
pouco era o povo
bautizado,
Que, pera um só,
cem Mouros
haveria. Julga
qualquer juízo
sossegado
Por mais
temeridade que
ousadia Cometer
um tamanho
ajuntamento, Que
pera um cavaleiro
houvesse cento.

«Cinco Reis Mouros

são os inimigos,
Dos quais o
principal Ismar se
chama; Todos
exprimentados nos
perigos Da guerra,
onde se alcança a
ilustre fama.
Seguem guerreiras
damas seus amigos,
Imitando a fermosa e
forte Dama De
quem tanto os
Troianos se
ajudaram, E as que
o Termodonte já
gostaram.

«A matutina luz, serena e fria,
As Estrelas do
Pólo já apartava,
Quando na Cruz o
Filho de Maria,
Amostrando-se a
Afonso, o
animava.
Ele, adorando
Quem lhe
aparecia, Na Fé
todo inflamado

assi gritava: -

«Aos Infiéis,
Senhor, aos
Infiéis, E não a
mi, que creio o
que podeis!»

«Com tal milagre
os ânimos da
gente Portuguesa
inflamados,
levantavam Por
seu Rei natural
este excelente
Príncipe, que do
peito tanto
amavam; E diante
do exército
potente
Dos imigos,
gritando, o céu
tocavam, Dizendo
em alta voz: -
«Real, real, Por
Afonso, alto Rei
de Portugal!»

«Qual cos gritos
e vozes incitado,
Pela montanha,
o rábido moloso

Contra o touro
 remete, que
fiado Na força
 está do corno
temeroso; Ora
pega na orelha,
 ora no lado,
Latindo mais
 ligeiro que
 forçoso,
Até que enfim,
rompendo-lhe a
garganta, Do bravo
a força horrenda se
 quebranta:

«Tal do Rei novo o
estômago acendido
 Por Deus e polo
 povo juntamente,
O Bárbaro comete,
 apercebido
 Co animoso
exército rompente.
Levantam nisto os
 Perros o alarido
Dos gritos; tocam a
arma, ferve a gente,
 As lanças e arcos
tomam, tubas soam,

Instrumentos de
guerra tudo atroam!

«Bem como quando
a flama, que ateadada
Foi nos áridos
campos (assoprando
O sibilante Bóreas),
animada
Co vento, o seco
mato vai
queimando; A
pastoral companha,
que deitada Co
doce sono estava,
despertando
Ao estridor do
fogo que se ateia,
Recolhe o fato e
foge pera a
aldeia:

«Destarte o Mouro,
atónito e Torvado,
Toma sem tento as
armas mui
depressa; Não
foge, mas espera
confiado, E o
ginete belígero
arremessa.

O Português o
encontra
denodado, Pelos
peitos as lanças
lhe atravessa; Uns
caem meios
mortos e outros
vão A ajuda
convocando do
Alcorão.

«Ali se vêm
encontros
temerosos, Pera
se desfazer ùa
alta serra,
E os animais
correndo furiosos
Que Neptuno
amostrou, ferindo a
terra; Golpes se
dão medonhos e
forçosos; Por toda
a parte andava
acesa a guerra;
Mas o de Luso
arnês, couraça e
malha, Rompe,
corta desfaz abola e
talha.

«Cabeças pelo
campo vão saltando,
Braços, pernas, sem
dono e sem sentido,
E doutros as
entranhas
palpitando, Pálida a
cor, o gesto
amortecido.

Já perde o campo o
exército nefando;
Correm rios do
sangue desparzido,
Com que também do
campo a cor se perde,
Tornado carmesi, de
branco e verde.

«Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os
troféus e presa
rica; Desbaratado
e roto o Mauro
Hispano Três dias
o grão Rei no
campo fica. Aqui
pinta no branco
escudo ufano,
Que agora esta
vitória certifica,

Cinco escudos
azuis esclarecidos,
Em sinal destes
cinco Reis
vencidos.

«E nestes cinco
escudos pinta os
trinta Dinheiros
por que Deus fora
vendido,
Escrevendo a
memória, em várias
tintas,
Daquele de Quem
foi favorecido.
Em cada um dos
cinco, cinco pinta,
Porque assim fica o
número cumprido,
Contando duas
vezes o do meio,
Dos cinco azuis que em cruz pintando
veio.

«Passado já algum
tempo que passada
Era esta grão
vitória, o Rei
subido A tomar
vai Leiria, que

tomada
Fora, mui pouco
havia, do vencido.
Com esta a forte
Arronches sojugada
Foi juntamente; e o
sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo
campo ameno Tu,
claro Tejo, regas tão
sereno.

«A estas nobres vilas sometidas
Ajunta também
Mafra, em pouco
espaço, E, nas
serras da Lúa
conhecidas,
Sojuga a fria
Sintra o duro
braço; Sintra,
onde as Naiades,
escondidas Nas
fontes, vão
fugindo ao doce
laço Onde Amor
as enreda
brandamente, Nas
águas acendendo
fogo ardente.

«E tu, nobre
Lisboa, que no
mundo
Fácilmente das
outras és
princesa, Que
edificada foste do
facundo
Por cujo engano
foi Dardânia
acesa; Tu a quem
obedece o Mar
profundo
Obedecestes à
força Portuguesa,
Ajudada também
da forte armada
Que das Boreais
partes foi
mandada.

«Lá do
Germânico Álbis
e do Reno E da
fria Bretanha
conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno
Muitos com tenção
santa eram partidos.
Entrando a boca já

do Tejo ameno, Co
arraial do grande
Afonso unidos,
Cuja alta fama
antão subia aos
céus, Foi posto
cerco aos muros
Ulisseus.

«Cinco vezes a
Lúa se escondera
E outras tantas
mostrara cheio o
rosto, Quando a
cidade, entrada, se
rendera

Ao duro cerco que
lhe estava posto
Foi a batalha tão
sanguina e fera
Quanto obrigava o
firme pros[s]uposto
De vencedores
ásperos e ousados
E de vencidos já
desesperados.

«Destarte, enfim,
tomada se rendeu
Aquela que, nos
tempos já

passados, À
grande força
nunca obedeceu
Dos frios povos
Cíticos ousados,
Cujo poder a tanto
se estendeu
Que o Ibero o viu e o
Tejo amedrontados;
E, enfim, co Bétis
tanto alguns
puderam Que à
terra, de Vandália
nome deram.

«Que cidade tão
forte porventura
Haverá que
resista, se
Lisboa
Não pôde resistir à força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda
a Estremadura,
Óbidos, Alanquer,
por onde soa O tom
das frescas águas
entre as pedras,
Que murmurando
lava, e Torres

Vedras.

«E vós também, ó
terras Transtaganas,
Afamadas co dom
da flava Ceres,
Obedeceis às forças
mais que humanas,
Entregando-lhe os
muros e os poderes;
E tu, lavrador
Mouro, que te
enganas, Se
sustentar a fértil
terra queres: Que
Elvas e Moura e
Serpa, conhecidas,
E Alcáçare do Sal
estão rendidas.

«Eis a nobre cidade,
certo assento Do
rebelde Sertório
antigamente, Onde
ora as águas nítidas
de argento Vêm
sustentar de longo a
terra e a gente
Pelos arcos reais,
que, cento e cento,
Nos ares se

alevantam
nobremente,
Obedeceu por meio
e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

«Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de
Trancoso
destruída Afonso,
que não sabe
sossegar, Por
estender co a fama
a curta vida. Não
se lhe pode muito
sustentar A
cidade; mas,
sendo já rendida,
Em toda a cousa
viva a gente irada
Provando os fios
vai da dura
espada.

«Com estas
sojugada foi
Palmela E a
piscosa Sesimbra
e, juntamente,
Sendo ajudado
mais de sua

estrela,
Desbarata um
exército potente
(Sentiu-o a vila e
viu-o a serra
dela), Que a
socorrê-la vinha
diligente Pela
fralda da serra,
descuidado Do
temeroso encontro
inopinado.

«O Rei de
Badajoz era, alto
Mouro, Com
quatro mil
cavalos furiosos,
Inúmeros peões,
de armas e de
ouro
Guarnecidos,
guerreiros e
lustrosos; Mas, qual
no mês de Maio o
bravo touro, Cos
ciúmes da vaca,
arreceosos,
Sentindo gente, o
bruto e cego

amante Salteia o
descuidado
caminhante:

«Destarte Afonso,
súbito mostrado,
Na gente dá, que
passa bem segura;
Fere, mata,
derriba,
denodado;

Foge o Rei Mouro
e só da vida cura;
Dum pânico terror
todo assombrado,
Só de segui-lo o
exército procura;
Sendo estes que
fizeram tanto
abalo Nô mais
que só sessenta de
cavalo.

«Logo segue a
vitória, sem
tardança, O grão
Rei incansável,
ajuntando Gentes
de todo o Reino,
cuja usança Era
andar sempre

terras
conquistando.
Cercar vai Badajoz
e logo alcança O
fim de seu desejo,
pelejando
Com tanto esforço
e arte e valentia,
Que a fez fazer às
outras companhia.

«Mas o alto Deus,
que pera longe
guarda O castigo
daquele que o
merece, Ou pera
que se emende, às
vezes tarda, Ou por
segredos que homem
não conhece Se até
qui sempre o forte
Rei resguarda Dos
perigos a que ele se
oferece, Agora lhe
não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa:

«Que, estando na
cidade que
cercara, Cercado
nela foi dos

Lioneses,
Porque a conquista
dela lhe tomara,
De Lião sendo, e
não dos
Portugueses. A
pertinácia aqui lhe
custa cara,
Assi como acontece
muitas vezes, Que
em ferros quebra as
pernas, indo aceso À
batalha, onde foi
vencido e preso.

«Ó famoso
Pompeio, não te
pene De teus
feitos ilustres a
ruína,
Nem ver que a
justa Némesis
ordene Ter teu
sogro de ti vitória
dina,

Posto que o frio Fásis ou Siene,
Que pera nenhum
cabo a sombra
inclina, O Bootes
gelado e a linha

ardente Temessem
o teu nome
geralmente.

«Posto que a rica
Arábia e que os
feroces Heníocos e
Colcos, cuja fama
O Véu dourado
estende, e os
Capadoces E
Judeia, que um
Deus adora e ama,
E que os moles
Sofenos e os atroces
Cilícios, com a
Arménia, que
derrama As águas
dos dous rios cuja
fonte Está noutro
mais alto e santo
monte,

«E posto, enfim, que
desd'o mar de Atlante
Até o Cítico Tauro,
monte erguido, Já
vencedor te vissem,
não te espante
Se o campo Emátio
só te viu vencido;

Porque Afonso
verás, soberbo e
ovante, Tudo
render e ser despois
rendido. Assi o
quis o Conselho
alto, celeste, Que
vença o sogro a ti e
o genro a este!

«Tornado o Rei
sublime,
finalmente, Do
divino Juízo
castigado;
Despois que em
Santarém
soberbamente, Em
vão, dos Sarracenos
foi cercado, E
despois que do
mártire Vicente
O santíssimo corpo venerado
Do Sacro
Promontório
conhecido À
cidade Ulisseia
foi trazido;

«Por que levasse
avante seu desejo,

Ao forte filho
manda o lasso
velho Que às
terras se passasse
d'Alentejo, Com
gente e co
belígero aparelho.
Sancho, d'esforço
e d'ânimo sobejo,
Avante passa e faz
correr vermelho
O rio que Sevilha
vai regando,
Co sangue Mauro, bárbaro e nefando.

«E, com esta vitória cobiçoso,
Já não descansa o
moço, até que veja
Outro estrago
como este,
temeroso, No
Bárbaro que tem
cercado Beja.
Não tarda muito o
Príncipe ditoso
Sem ver o fim
daquilo que
deseja. Assi
estragado, o
Mouro na

vingança De
tantas perdas põe
sua esperança.

«Já se ajuntam do
monte a quem
Medusa O corpo
fez perder que teve
o Céu; Já vêm do
promontório de
Ampelusa E do
Tinge, que assento
foi de Anteu. O
morador de Abila
não se escusa, Que
também com suas
armas se moveu,
Ao som da
Mauritana e ronca
tuba, Todo o Reino
que foi do nobre
Juba.

«Entrava, com
toda esta
companhia, O
Miralmomini em
Portugal;
Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem
o ceptro Imperial.

E assi, fazendo
quanto mal podia,
O que em partes
podia fazer mal,
Dom Sancho vai
cercar em
Santarém; Porém
não lhe sucede
muito bem.

«Dá-lhe combates
ásperos, fazendo
Ardis de guerra
mil, o Mouro iroso;
Não lhe aproveita
já trabuco
horrendo, Mina
secreta, aríete
forçoso;
Porque o filho de
Afonso, não perdendo
Nada do esforço e
acordo generoso,
Tudo provê com
ânimo e prudência,
Que em toda a parte
há esforço e
resistência.

«Mas o velho, a
quem tinham já

obrigado Os
trabalhosos anos ao
sossego,
Estando na cidade cujo prado
Enverdecem as
águas do
Mondego,
Sabendo como o
filho está cercado,
Em Santarém, do
Mauro povo cego,
Se parte diligente
da cidade;
Que não perde a presteza co a idade.

«E co a famosa
gente, à guerra
usada, Vai
socorrer o filho; e
assi ajuntados, A
Portuguesa fúria
costumada
Em breve os
Mouros tem
desbaratados. A
campina, que toda
está coalhada De
marlotas, capuzes
variados,
De cavalos, jaezes, presa rica,

De seus senhores mortos cheia fica.

«Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida;
O Miralmomini só não fugiu,
Porque, antes de
fugir, lhe fuge a
vida. A Quem lhe
esta vitória
permitiu
Dão louvores e
graças sem medida;
Que, em casos tão
estranhos,
claramente Mais
peleja o favor de
Deus que a gente.

«De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso,
Príncipe subido,
Quando quem tudo
enfim vencendo
andava, Da larga e
muita idade foi
vencido. A pálida
doença lhe tocava,
Com fria mão, o
corpo
enfraquecido; E
pagaram seus

anos, deste jeito,
À triste Libitina seu direito.

«Os altos
promontórios o
choraram, E dos
rios as águas
saúdosas
Os semeados campos alagaram,
Com lágrimas
correndo
piadosas; Mas
tanto pelo mundo
se alargaram,
Com fama suas
obras valerosas,
Que sempre no seu
reino chamarão
«Afonso! Afonso!»
os ecos; mas em
vão.

«Sancho, forte
mancebo, que
ficara Imitando
seu pai na
valentia,
E que em sua vida
já se exprimentara
Quando o Bétis de
sangue se tingia E

o bárbaro poder
desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que
Beja em vão cercaram
Os golpes de seu
braço em si provaram;

«Despois que foi
por Rei
alevantado,
Havendo poucos
anos que reinava,
A cidade de Silves
tem cercado,
Cujos campos o Bárbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germânica
armada que
passava, De
armas fortes e
gente apercebida,
A recobrar Judeia
já perdida.

«Passavam a
ajudar na santa
empresa O roxo
Federico, que
moveu
O poderoso exército, em defesa

Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido, co a
gente em sede acesa,
Ao grande Saladino
se rendeu,
No lugar onde aos
Mouros sobejavam
As águas que os de
Guido desejavam.

«Mas a fermosa
armada, que viera
Por contraste de
vento àquela parte,
Sancho quis ajudar
na guerra fera, Já
que em serviço vai
do santo Marte.
Assi como a seu
pai acontecera
Quando tomou
Lisboa, da mesma
arte Do Germano
ajudado, Silves
toma E o bravo
morador destrui e
doma.

«E se tantos
troféus do
Mahometa

Alevantando vai,
também do forte
Lionês não
consente estar
quieta
A terra, usada aos
casos de Mavorte,
Até que na cerviz
seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a
mesma sorte Viu ter
a muitas vilas suas
vizinhas, Que por
armas tu, Sancho,
humildes tinhas.

«Mas, entre
tantas palmas
salteado Da
temerosa morte,
fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo
Afonso e Rei
terceiro. No tempo
deste, aos Mauros
foi tomado
Alcáçare do Sal, por
derradeiro;
Porque dantes os

Mouros o
tomaram, Mas
agora estruídos o
pagaram.

Morto depois
Afonso, lhe sucede
Sancho segundo,
manso e descuidado;
Que tanto em seus
descuidos se desmede
Que de outrem quem
mandava era
mandado. De
governar o Reino, que
outro pede, Por causa
dos privados foi
privado, Porque,
como por eles se
regia,
Em todos os seus vícios consentia.

«Não era Sancho,
não, tão desonesto
Como Nero, que
um moço recebia
Por mulher e,
depois, horrendo
incesto Com a mãe
Agripina cometia;
Nem tão cruel às

gentes e molesto
Que a cidade
queimasse onde
vivia; Nem tão
mau como foi
Heliogabalo,
Nem como o mole
Rei Sardanapalo.

«Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha, como Fálaris, achado
Género de tormentos inumanos;
Mas o Reino, de
altivo e
costumado A
senhores em tudo
soberanos,
A Rei não obedece nem consente
Que não for mais que todos excelente.

«Por esta causa,
o Reino
governou O
Conde Bolonhês,
despois alçado
Por Rei, quando
da vida se
apartou
Seu irmão Sancho,
sempre ao ócio

dado. Este, que
Afonso o Bravo se
chamou, Depois
de ter o Reino
segurado, Em
dilatá-lo cuida, que
em terreno Não
cabe o altivo peito,
tão pequeno.

«Da terra dos
Algarves, que lhe
fora Em
casamento dada,
grande parte
Recupera co
braço, e deita fora
O Mouro, mal
querido já de
Marte. Este de
todo fez livre e
senhora
Lusitânia, com força
e bélica arte, E
acabou de oprimir a
nação forte, Na
terra que aos de
Luso coube em
sorte.

«Eis depois vem

Dinis, que bem
parece Do bravo
Afonso estirpe
nobre e dina, Com
quem a fama grande
se escurece Da
liberalidade
Alexandrina.

Co este o Reino
próspero floresce
(Alcançada já a
paz áurea divina)
Em
constituições,
leis e costumes,
Na terra já
tranquila claros
lumes.

«Fez primeiro em
Coimbra
exercitar-se O
valeroso ofício de
Minerva;
E de Heliconas as
Musas fez
passar-se A pisar
de Mondego a
fértil erva. Quanto
pode de Atenas

desejar-se
Tudo o soberbo
Apolo aqui
reserva. Aqui as
capelas dá tecidas
de ouro, Do
bácaro e do
sempre verde
louro.

«Nobres vilas
de novo
edificou,
Fortalezas,
castelos mui
seguros, E
quási o Reino
todo reformou
Com edifícios
grandes e altos
muros; Mas
despois que a dura
Átropos cortou O
fio de seus dias já
maduros,
Ficou-lhe o filho
pouco obediente,
Quarto Afonso,
mas forte e
excelente.

«Este sempre as
soberbas
Castelhanas Co
peito desprezou
firme e sereno,
Porque não é das
forças Lusitanas
Temer poder maior,
por mais pequeno;
Mas porém, quando
as gentes
Mauritanas, A
possuir o Hespérico
terreno,
Entraram pelas
terras de Castela,
Foi o soberbo
Afonso a
socorrê-la.

«Nunca com
Semirâmis gente
tanta Veio os
campos Idáspicos
enchendo, Nem
Átila, que Itália
toda espanta,
Chamando-se de
Deus açoute
horrendo, Gótica

gente trouxe tanta,
quanta Do
Sarraceno bárbaro,
estupendo, Co
poder excessivo de
Granada, Foi nos
campos Tartés[s]ios
ajuntada.

«E, vendo o Rei
sublime Castelhana
A força
inexpugnável,
grande e forte,
Temendo mais o
fim do povo
Hispano,
Já perdido ùa vez,
que a própria
morte, Pedindo
ajuda ao forte
Lusitano Lhe
mandava a
caríssima consorte,
Mulher de quem a
manda e filha
amada Daquele a
cujo Reino foi
mandada.

«Entrava a fermosíssima Maria

Polos paternais
paços sublimados,
Lindo o gesto, mas
fora de alegria, E
os seus olhos em
lágrimas banhados;

Os cabelos
angélicos trazia
Pelos ebúrneos
ombros
espalhados. Diante
do pai ledo, que a
agasalha, Estas
palavras tais,
chorando, espalha:

- «Quantos povos a
terra produziu De
Africa toda, gente
fera e estranha, O
grão Rei de
Marrocos conduziu
Pera vir possuir a
nobre Espanha:
Poder tamanho junto
não se viu Depois
que o salso mar a
terra banha Trazem
ferocidade e furor
tanto Que a vivos

medo e a mortos faz
espanto!

«Aquele que me
deste por marido,
Por defender sua
terra
amedrontada, Co
pequeno poder,
oferecido
Ao duro golpe está
da Maura espada;
E, se não for
contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do
Reino ser privada;
Viúva e triste e
posta em vida
escura, Sem
marido, sem Reino
e sem ventura.

«Portanto, ó Rei, de
quem com puro
medo O corrente
Muluca se congela,
Rompe toda a
tardança, acude
cedo À
miseranda gente
de Castela.

Se esse gesto, que
mostras claro e
ledo, De pai o
verdadeiro amor
assela, Acude e
corre, pai, que, se
não corres, Pode
ser que não aches
quem socorres.»

«Não de outra sorte
a tímida Maria
Falando está que a
triste Vénus,
quando A Júpiter,
seu pai, favor pedia
Pera Eneias, seu
filho, navegando;
Que a tanta
piedade o
comovia
Que, caído das
mãos o raio
infando, Tudo o
clemente Padre
lhe concede,
Pesando-lhe do
pouco que lhe
pede.

«Mas já cos

esquadrões da gente
armada Os
Eborenses campos
vão coalhados;
Lustra co Sol o
arnês, a lança, a
espada; Vão
rinchando os
cavalos jaezados; A
canora trombeta
embandeirada Os
corações, à paz
acostumados, Vai
às fulgentes armas
incitando, Polas
concavidades
retumbando

«Entre todos no
meio se sublima,
Das insígnias
Reais
acompanhado, O
valeroso Afonso,
que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E sòmente co
gesto esforça e
anima A
qualquer coração

amedrontado.
Assi entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela.

«Juntos os dous
Afonso, finalmente
Nos campos de
Tarifa estão defronte
Da grande multidão
da cega gente, Pera
quem são pequenas
campo e monte.

Não há peito tão alto
e tão potente Que
de desconfiança não
se afronte,
Enquanto não
conheça e claro veja
Que co braço dos
seus Cristo peleja.

«Estão de Agar os
netos quási rindo
Do poder dos
Cristãos, fraco e
pequeno, As terras
como suas
repartindo,
Antemão, entre o
exército Agareno,
Que, com título

falso, possuindo
Está o famoso nome Sarraceno.
Assi também,
com falsa conta e
nua, À nobre
terra alheia
chamam sua.

«Qual o membrudo
e bárbaro Gigante,
Do Rei Saul, com
causa tão temido,
Vendo o Pastor
inerme estar diante,
Só de pedras e esforço
apercebido, Com
palavras soberbas, o
arrogante, Despreza o
fraco moço mal
vestido, Que,
rodeando a funda, o
desengana (Quanto
mais pode a Fé que a
força humana!)

«Destarte o Mouro
pérvido despreza O
poder dos Cristãos,
e não entende Que
está ajudado da alta
Fortaleza A quem

o Inferno horrífico
se rende. Co ela o
Castelhano, e com
destreza, De
Marrocos o Rei
comete e ofende;
O Português, que
tudo estima em
nada, Se faz temer
ao Reino de
Granada.

«Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arneses
- bravo estrago! -;
Chamam (segundo as
Leis que ali seguiam),
Uns Mafamede e os
outros Santiago. Os
feridos com grita o
céu feriam,
Fazendo de seu
sangue bruto lago,
Onde outros, meios
mortos, se
afogavam, Quando
do ferro as vidas
escapavam.

«Com esforço
tamanho estrui e

mata O Luso ao
Granadil, que em
pouco espaço
Totalmente o poder
lhe desbarata,
Sem lhe valer
defesa ou peito de
aço. De alcançar
tal vitória tão
barata
Índa não bem
contente o forte
braço, Vai ajudar
ao bravo
Castelhano,
Que pelejando está co Mauritano.

«Já se ia o Sol ardente recolhendo
Pera a casa de Tétis, e inclinado
Pera o Ponente, o véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do
Mauro, grande e
horrendo, Foi pelos
fortes Reis
desbaratado,
Com tanta
mortindade que a
memória Nunca
no mundo viu tão

grão vitória.

«Não matou a quarta
parte o forte Mário
Dos que morreram
neste vencimento,
Quando as águas co
sangue do adversário
Fez beber ao
exército sedento;
Nem o Peno,
asperíssimo
contrário Do
Romano poder,
de nascimento,
Quando tantos matou
da ilustre Roma, Que
alqueires três de anéis
dos mortos toma.

«E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao Reino
escuro de Cocito,
Quando a santa
Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de
braço, ó nobre
Tito, Que assi
dos Vates foi

profetizado
E depois por JESU certificado.

«Passada esta tão prospera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz
com tanta glória
Quanta soube
ganhar na dura
guerra, O caso
triste, e dino da
memória

Que do sepulcro os
homens desenterra.

Aconteceu da
mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

«Tu só, tu, poro
Amor, com força
crua, Que os
corações humanos
tanto obriga, Deste
causa à molesta
morte sua,

Como se fora pérfida inimiga.

Se dizem, fero
Amor, que a sede
tua Nem com
lágrimas tristes se
mitiga, É porque

queres, áspero e
tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

«Estavas, linda
Inês, posta em
sossego, De teus
anos colhendo doce
fruto,
Naquele engano da
alma, ledado e cego,
Que a Fortuna não
deixa durar muito,
Nos saüdosos
campos do
Mondego, De teus
fermosos olhos
nunca enxuto, Aos
montes ensinando
e às ervinhas O
nome que no peito
escrito tinhas.

«Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que
na alma lhe
moravam, Que
sempre ante seus
olhos te traziam,
Quando dos teus
fermosos se

apartavam; De
noite, em doces
sonhos que mentiam,
De dia, em
pensamentos que
voavam; E quanto,
enfim, cuidava e
quanto via Eram
tudo memórias de
alegria.

«De outras belas
senhoras e
Princesas Os
desejados tálamos
enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor,
desprezas
Quando um gesto
suave te sujeita.
Vendo estas
namoradas
estranhezas, O
velho pai sesudo,
que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,
«Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho
que tem preso,

Crendo co sangue
só da morte indina
Matar do firme
amor o fogo aceso.

Que furor
consentiu que a
espada fina Que
pôde sustentar o
grande peso Do
furor Mauro, fosse
alevantada Contra
üa fraca dama
delicada?

«Traziam-a os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;

Mas o povo,
com falsas e
ferozes Razões,
à morte crua o
persuade.

Ela, com tristes
e piedosas
vozes, Saídas só
da mágoa e
saüdade

Do seu Príncipe e
filhos, que deixava,
Que mais que a
própria morte a

magoava,
«Pera o céu
cristalino
alevantando,
Com lágrimas, os
olhos piedosos
(Os olhos, porque as
mãos lhe estava
atando Um dos duros
ministros rigorosos);
E depois nos mininos
atentando, Que tão
queridos tinha e tão
mimosos, Cuja
orfandade como mãe
temia,
Pera o avô cruel assi dizia:

«Se já nas brutas
feras, cuja mente
Natura fez cruel
de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas
aéreas têm o
intento, Com
pequenas
crianças viu a
gente Terem tão
piadoso

sentimento

Como co a mãe de
Nino já mostraram,
E cos irmãos que
Roma edificaram:

«Ó tu, que tens de
humano o gesto e o
peito (Se de humano
é matar ùa donzela,
Frac a e sem força, só
por ter sujeito O
coração a quem soube
vencê-la), A estas
criancinhas tem
respeito,
Pois o não tens à
morte escura
dela; Mova-te a
piedade sua e
minha,

Pois te não move a culpa que não tinha.

«E se, vencendo a
Maura resistência,
A morte sabes dar
com fogo e ferro,
Sabe também dar
vida com
clemência A quem
pera perdê-la não

fez erro. Mas, se to
assi merece esta
inocência, Põe-me
em perpétuo e
mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá
na Líbia ardente,
Onde em lágrimas
viva eternamente.

«Põe-me onde se
use toda a
feridade, Entre
liões e tigres, e
verei

Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos
humanos não
achei. Ali, co
amor intrínseco e
vontade Naquele
por quem mouro,
criarei

Estas relíquias
suas, que aqui
viste, Que
refrigério sejam
da mãe triste.»

Queria perdoar-lhe o
Rei benino, Movido

das palavras que o
magoam; Mas o
pertinaz povo e seu
destino (Que desta
sorte o quis) lhe não
perdoam. Arrancam
das espadas de aço
fino Os que por
bom tal feito ali
apregoam. Contra
ũa dama, ó peitos
carniceiros, Feros
vos amostrais - e
cavaleiros?

«Qual contra a
linda moça
Policena,
Consolação
extrema da mãe
velha, Porque a
sombra de Aquiles
a condena, Co
ferro o duro Pirro
se aparelha; Mas
ela, os olhos com
que o ar serena
(Bem como
paciente e mansa
ovelha) Na mísera

mãe postos, que
endoudece, Ao
duro sacrifício se
oferece:

«Tais contra Inês os
brutos matadores,
No colo de alabastro,
que sustinha As
obras com que Amor
matou de amores
Aquele que depois a
fez Rainha, As
espadas banhando, e
as brancas flores,
Que ela dos olhos
seus regadas tinha,
Se encarniçavam,
férvidos e irosos No
futuro castigo não
cuidosos.

«Bem puderas, ó
Sol, da vista
destes, Teus raios
apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por
mão de Atreu comia!
Vós, ó côncavos
vales, que pudestes

A voz extrema ouvir
da boca fria, O nome
do seu Pedro, que lhe
ouvistes, Por muito
grande espaço
repetistes!

«Assi como a
bonina, que
cortada Antes do
tempo foi,
cândida e bela,
Sendo das mãos
lacivas
maltratada

Da minina que a
trouxe na capela, O
cheiro traz perdido
e a cor murchada:
Tal está, morta, a
pálida donzela,
Secas do rosto as
rosas e perdida A
branca e viva cor,
co a doce vida.

«As filhas do
Mondego a morte
escura Longo
tempo chorando
memoraram, E,

por memória
eterna, em fonte
pura As lágrimas
choradas
transformaram.
O nome lhe puseram,
que inda dura, Dos
amores de Inês, que
ali passaram. Vede
que fresca fonte rega
as flores, Que
lágrimas são a água e
o nome Amores!

«Não correu muito
tempo que a
vingança Não visse
Pedro das mortais
feridas, Que, em
tomando do Reino a
governança,
A tomou dos fugidos homicidas;
Do outro Pedro
cruíssimo os
alcança, Que
ambos, imigos das
humanas vidas, O
concerto fizeram,
duro e injusto,
Que com Lépidio e António fez

Augusto.

«Este, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus
cruzas, fero e
iroso, Eram os
seus mais certos
refrigérios. As
cidades
guardando,
justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões,
castigando, à morte
deu, Que o
vagabundo Alcides
ou Teseu.

«Do justo e duro
Pedro nasce o
brando (Vede da
natureza o
desconcerto!),
Remisso e sem
cuidado algum,
Fernando, Que todo
o Reino pôs em
muito aperto; Que,
vindo o Castelhana
devastando Às

terras sem defesa,
esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte
gente.

«Ou foi castigo claro do pecado
De tirar Lianor a seu marido
E casar-se com ela, de enlevado
Num falso parecer mal entendido,
Ou foi que o
coração, sujeito e
dado Ao vício vil,
de quem se viu
rendido, Mole se
fez e fraco; e bem
parece
Que um baxo amor os fortes
enfraquece.

«Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o
quis e permitiu: Os
que foram roubar a
bela Helena, E com
Ápio também
Tarquino o viu.
Pois por quem
David Santo se
condena? Ou quem
o Tribo ilustre

destruiu
De Benjamim?
Bem claro no-lo
ensina Por Sarra
Faraó, Siquém por
Dina.

«E pois, se os
peitos fortes
enfraquece Um
inconcesso amor
desatinado,
Bem no filho de Almena se parece
Quando em Ônfale
andava
transformado. De
Marco António a
fama se escurece
Com ser tanto a
Cleópatra afeiçoado.
Tu também, Peno
próspero, o sentiste
Despois que üa
moça vil na Apúlia
viste.

«Mas quem pode
livrar-se,
porventura, Dos
laços que Amor
arma brandamente

Entre as rosas e a
neve humana pura,

O ouro e o
alabastro

transparente?

Quem, de ùa peregrina fermosura,

De um vulto de

Medusa

propriamente, Que

o coração converte,

que tem preso, Em

pedra, não, mas em

desejo aceso?

«Quem viu um olhar

seguro, um gesto

brando, ùa suave e

angélica excelência,

Que em si está sempre as almas
transformando,

Que tivesse contra

ela resistência?

Desculpado por

certo está

Fernando, Pera

quem tem de

amor experiência;

Mas antes, tendo

livre a fantasia,

Por muito mais

culpado o
julgaria.

Canto IV

DESPOIS de
procelosa
tempestade,
Nocturna sombra
e sibilante vento,

Traz a manhã serena claridade,
Esperança de
porto e
salvamento;
Aparta o Sol a
negra escuridade,
Removendo o
temor ao
pensamento: Assi
no Reino forte
aconteceu
Despois que o Rei Fernando faleceu.

«Porque, se muito
os nossos
desejaram Quem
os danos e ofensas
vá vingando
Naqueles que tão
bem se

aproveitaram
Do descuido
remisso de
Fernando, Depois
de pouco tempo o
alcançaram, Joane,
sempre ilustre,
alevantando Por
Rei, como de Pedro
único herdeiro
(Ainda que
bastardo)
verdadeiro.

«Ser isto ordenação
dos Céus divina Por
sinais muito claros
se mostrou~
Quando em Évora a
voz de ùa minina,
Ante tempo falando,
o nomeou. E, como
causa, enfim, que o
Céu destina, No
berço o corpo e a
voz alevantou: -
«Portugal, Portugal
(alçando a mão,
Disse) polo Rei
novo, Dom João!»

«Alteradas então
do Reino as gentes
Co ódio que
ocupado os peitos
tinha, Absolutas
cruezas e
evidentes
Faz do povo o
furor, por onde
vinha; Matando
vão amigos e
parentes Do
adúltero Conde e
da Rainha,
Com quem sua
incontinência
desonesta Mais
(despois de viúva)
manifesta.

«Mas ele, enfim,
com causa
desonrado, Diante
dela a ferro frio
morre,
De outros muitos na
morte acompanhado,
Que tudo o fogo
erguido queima e
corre: Quem, como

Astianás,
precipitado, Sem lhe
valerem ordens, de
alta torre; A quem
ordens, nem aras,
nem respeito; Quem
nu por ruas, e em
pedaços feito.

«Podem-se pôr em
longo esquecimento
As cruezas mortais
que Roma viu,
Feitas do feroz
Mário e do cruento
Cila, quando o
contrário lhe fugiu.
Por isso Lianor, que
o sentimento
Do morto Conde
ao mundo
descobriu, Faz
contra Lusitânia vir
Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

«Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhana está
que o Reino pede,
Por filha de
Fernando

reputada,
Se a corrompida
fama lho concede.
Com esta voz
Castela
alevantada,
Dizendo que esta
filha ao pai
sucede, Suas
forças ajunta, pera
as guerras, De
várias regiões e
várias terras.

«Vêm de toda a
província que de um
Brigo (Se foi) já teve
o nome derivado;
Das terras que
Fernando e que
Rodrigo Ganharam
do tirano e Mauro
estado. Não
estimam das armas
o perigo
Os que cortando
vão co duro
arado Os campos
Lioneses, cuja
gente

Cos Mouros foi nas armas excelente.

«Os Vândalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do
Guadalquivir as
águas lavam. A
nobre Ilha também
se apercebia Que
antigamente os
Tírios habitavam,
Trazendo por
insígnias
verdadeiras As
Hercúleas colunas
nas bandeiras.

«Também vêm lá
do Reino de Toledo,
Cidade nobre e
antiga, a quem
cercando O Tejo
em torno vai, suave
e ledó, Que das
serras de Conca
vem manando. A
vós outros também
não tolhe o medo Ó
sórdidos Galegos,
duro bando,

Que, pera
resistirdes, vos
armastes,
Àqueles cujos
golpes já
provastes.

«Também movem da
guerra as negras fúrias
A gente Bizcainha,
que carece
De polidas razões,
e que as injúrias
Muito mal dos
estranhos
compadece. A
terra de Guipúscua
e das Astúrias,
Que com minas de
ferro se ennobrece,
Armou dele os
soberbos
moradores, Pera
ajudar na guerra a
seus senhores.

«Joane, a quem do
peito o esforço crece,
Como a Sansão
Hebreio da guedelha,
Posto que tudo pouco

lhe parece, Cos
poucos do seu Reino
se aparelha; E, não
porque conselho lhe
falece, Cos
principais senhores se
aconselha, Mas só
por ver das gentes as
sentenças, Que
sempre houve entre
muitos diferenças.

«Não falta com
razões quem
desconcerte Da
opinião de todos, na
vontade;

Em quem o esforço
antigo se converte
Em desusada e má
deslealdade,
Podendo o temor
mais, gelado,
inerte, Que a
própria e natural
fidelidade. Negam
o Rei e a Pátria e,
se convém,

Negarão (como Pedro) o Deus que têm.

«Mas nunca foi que

este erro se sentisse
No forte Dom Nuno
Álveres; mas antes,
Posto que em seus
irmãos tão claro o
visse, Reprovando as
vontades
inconstantes,
Àquelas duvidosas
gentes disse,
Com palavras mais
duras que elegantes,
A mão na espada,
irado e não
facundo,
Ameaçando a terra,
o mar e o mundo:

- «Como? Da gente
ilustre Portuguesa
Há-de haver quem
refuse o pátrio
Marte? Como?
Desta província, que
princesa Foi das
gentes na guerra em
toda parte, Há-de
sair quem negue ter
defesa? Quem negue
a Fé, o amor, o

esforço e arte De
Português, e por
nenhum respeito O
próprio Reino queira
ver sujeito?

«Como? Não sois vós
inda os descendentes
Daqueles que,
debaixo da bandeira
Do grande Henriques,
feros e valentes,
Vencestes esta gente
tão guerreira,
Quando tantas
bandeiras, tantas
gentes Puseram em
fugida, de maneira
Que sete ilustres
Condes lhe
trouxeram Presos,
afora a presa que
tiveram?

«Com quem
foram contino
sopeados Estes,
de quem o estais
agora vós, Por
Dinis e seu filho
sublimados,

Senão cos vossos
fortes pais e avôs?
Pois se, com seus
descuidos ou
pecados, Fernando
em tal fraqueza
assim vos pôs,
Torne-vos vossas
forças o Rei novo,
Se é certo que co
Rei se muda o
povo.

«Rei tendes tal
que, se o valor
tiverdes Igual ao
Rei que agora
alevantastes,
Desbaratareis tudo
o que quiserdes,
Quanto mais a
quem já
desbaratastes. E se
com isto, enfim,
vos não moverdes
Do penetrante
medo que tomastes,
Atai as mãos a
vosso vão receio,
Que eu só resistirei

ao jugo alheio.

«Eu só, com meus
vassalos e com esta
(E dizendo isto
arranca meia
espada),
Defenderei da
força dura e infesta
A terra nunca de
outrem sojugada.
Em virtude do Rei,
da pátria mesta,
Da lealdade já por
vós negada,
Vencerei não só estes
adversários, Mas
quantos a meu Rei
forem contrários!»

«Bem como entre os
mancebos recolhidos
Em Canúsio,
reliquias sós de
Canas, Já pera se
entregar quási
movidos À fortuna
das forças Africanas,
Cornélio moço os
faz que,
compelidos Da

sua espada, jurem
que as Romanas
Armas não
deixarão, enquanto
a vida

Os não deixar ou nelas for perdida:

«Destarte a gente
força e esforça
Nuno, Que, com
lhe ouvir as últimas
razões, Removem
o temor frio,
importuno, Que
gelados lhe tinha os
corações. Nos
animais cavalgam
de Neptuno,
Brandindo e
volteando
arremessões; Vão
correndo e
gritando, a boca
aberta: - «Viva o
famoso Rei que nos
liberta!»

«Das gentes
populares, uns
aprovam A guerra
com que a pátria se

sustinha; Uns as
armas alimpam e
renovam, Que a
ferrugem da paz
gastadas tinha:
Capacetes estofam,
peitos provam,
Arma-se cada um
como convinha;
Outros fazem
vestidos de mil
cores, Com letras
e tenções de seus
amores.

«Com toda esta
lustrosa
companhia Joane
forte sai da fresca
Abrantes,
Abrantes, que
também da fonte
fria Do Tejo
logra as águas
abundantes. Os
primeiros
armígeros regia
Quem pera reger
era os mui
possantes

Orientais exércitos
sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto;

«Dom Nuno
Alveres digo:
verdadeiro Açoute
de soberbos
Castelhanos,
Como já o fero
Huno o foi
primeiro Pera
Franceses, pera
Italianos.

Outro também,
famoso cavaleiro,
Que a ala direita
tem dos
Lusitanos, Apto
pera mandá-los e
regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

«E da outra ala, que a
esta corresponde,
Antão Vasques de
Almada é capitão,
Que depois foi de
Abranches nobre
Conde; Das gentes
vai regendo a sestra

mão. Logo na
retaguarda não se
esconde Das Quinas
e Castelos o pendão,
Com Joane, Rei
forte em toda parte,
Que escurecendo o
preço vai de Marte.

«Estavam pelos
muros,
temerosas E de
um alegre medo
quási frias,
:Rezando, as mães,
irmãs, damas e
esposas, Prometendo
jejuns e romarias.

Já chegam as
esquadras belicosas
Defronte das imigas
companhias, Que
com grita
grandíssima os
recebem; E todas
grande dúvida
concebem.

«Respondem as
trombetas
mensageiras,

Pífaros sibilantes e
atambores;

Alférezes volteiam as bandeiras,
Que variadas são
de muitas cores.

Era no seco
tempo que nas
eiras

Ceres o fruto deixa
aos lavradores; Entra
em Astreia o Sol, no
mês de Agosto;

Baco das uvas tira o doce mosto.

«Deu sinal a
trombeta

Castelhana,

Horrendo, fero,
ingente e temeroso;

Ouviu-o o monte
Artabro, e Guadiana

Atrás tornou as
ondas de medroso.

Ouviu[-o] o Douro e
a terra Transtagana;

Correu ao mar o

Tejo duvidoso;

E as mãos, que o

som terrível

escuitaram, Aos

peitos os filhinhos
apertaram.

«Quantos rostos ali
se vêm sem cor,
Que ao coração
acode o sangue
amigo! Que, nos
perigos grandes, o
temor É maior
muitas vezes que o
perigo. E se o não
é, parece-o; que o
furor De ofender
ou vencer o duro
inimigo Faz não
sentir que é perda
grande e rara Dos
membros corporais,
da vida cara.

«Começa-se a travar
a incerta guerra: De
ambas partes se move
a primeira ala; Uns
leva a defesa da
própria terra, Outros
as esperanças de
ganhá-la. Logo o
grande Pereira, em
quem se encerra

Todo o valor,
primeiro se assinala:
Derriba e encontra e a
terra enfim semeia,
Dos que a tanto
desejam, sendo
alheia.

«Já pelo espesso
ar os estridentes
Farpões, setas e
vários tiros
voam; Debaxo
dos pés duros dos
ardentes
Cavalos treme a
terra, os vales soam.
Espedçam-se as
lanças, e as
frequentes Quedas
co as duras armas
tudo atroam.
Recrecem os
imigos sobre a
pouca Gente do
fero Nuno, que os
apouca.

«Eis ali seus irmãos
contra ele vão
(Caso feio e cruel!);

mas não se espanta,
Que menos é querer
matar o irmão,
Quem contra o Rei e
a Pátria se alevanta.
Destes arrenegados
muitos são
No primeiro
esquadrão, que se
adianta Contra
irmãos e parentes
(caso estranho),
Quais nas guerras
civis de Júlio [e]
Magno

«O tu, Sertório, ó
nobre Coriolano,
Catilina, e vós
outros dos antigos
Que contra vossas
pátrias com
profano Coração
vos fizestes
inimigos:
E se lá no reino
escuro de Sumano
Receberdes
gravíssimos
castigos, Dizei-lhe

que também dos
Portugueses
Alguns treedores
houve algüas
vezes.

«Rompem-se aqui
dos nossos os
primeiros, Tantos
dos inimigos a eles
vão!

Está ali Nuno,
qual pelos
outeiros De
Ceita está o
fortíssimo lião
Que cercado se vê
dos cavaleiros Que
os campos vão
correr de Tutuão:
Perseguem-no com
as lanças, e ele,
iroso,
Torvado um pouco está, mas não
medroso;

«Com torva vista os
vê, mas a natura
Ferina e a ira não
lhe compadecem
Que as costas dê,

mas antes na
espessura Das
lanças se arremessa,
que recrecem. Tal
está o cavaleiro, que
a verdura Tinge co
sangue alheio; ali
perecem Alguns
dos seus, que o
ânimo valente
Perde a virtude
contra tanta gente.

«Sentiu Joane a
afronta que
passava Nuno,
que, como sábio
capitão,
Tudo corria e via
e a todos dava,
Com presença e
palavras,
coração. Qual
parida lioa, fera e
brava,
Que os filhos, que
no ninho sós estão,
Sentiu que,
enquanto pasto lhe
buscara, O pastor

de Massília lhos
furtara,

«Corre raivoso e
freme e com
bramidos Os
montes Sete Irmãos
atroia e abala: Tal
Joane, com outros
escolhidos Dos
seus, correndo
acode à primeira
ala: - «O fortes
companheiros, ó
subidos Cavaleiros,
a quem nenhum se
igualava, Defendei
vossas terras, que a
esperança Da
liberdade está na
nossa lança!

«Vedes-me aqui, Rei
vosso e companheiro,
Que entre as lanças e
setas e os arneses
Dos inimigos corro e
vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros
Portugueses! » Isto
disse o magnânimo

guerreiro E,
sopesando a lança
quatro vezes, Com
força tira; e deste
único tiro Muitos
lançaram o último
suspiro.

«Porque eis os
seus, acesos
novamente Dua
nobre vergonha e
honroso fogo,
Sobre qual mais,
com ânimo valente,
Perigos vencerá do
Márcio jogo,
Porfiam; tinge o
ferro o fogo ardente;
Rompem malhas
primeiro e peitos
logo. Assi recebem
junto e dão feridas,
Como a quem já não
dói perder as vidas.

«A muitos mandam
ver o Estígio lago,
Em cujo corpo a
morte e o ferro
entrava. O Mestre

morre ali de
Santiago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre também,
fazendo grande
estrago, Outro
Mestre cruel de
Calatrava. Os
Pereiras também,
arrenegados,
Morrem,
arrenegando o Céu
e os Fados.

«Muitos também do
vulgo vil, sem nome,
Vão, e também dos
nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce Cão
perpétua fome Tem
das almas que
passam deste
mundo. E por que
mais aqui se amanse
e dome A soberba
do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada òs pés da Lusitana.

«Aqui a fera
batalha se encruece

Com mortes, gritos,
sangue e cutiladas;
A multidão da
gente que perece
Tem as flores da
própria cor
mudadas. Já as
costas dão e as
vidas; já falece O
furor e sobejam as
lançadas;
Já de Castela o
Rei desbaratado
Se vê e de seu
propósito
mudado.

«O campo vai
deixando ao
vencedor,
Contente de lhe
não deixar a vida.
Seguem-no os que
ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés,
mas asas à fugida.
Encobrem no
profundo peito a
dor Da morte, da
fazenda

despendida, Da
mágoa, da desonra
e triste nojo De
ver outrem triunfar
de seu despojo.

«Alguns vão
maldizendo e
blasfemando Do
primeiro que guerra
fez no mundo;
Outros a sede dura
vão culpando Do
peito cobiçoso e
sitibundo,
Que, por tomar o
alheio, o
miserando Povo
aventura às penas
do Profundo,
Deixando tantas
mães, tantas
esposas, Sem
filhos, sem
maridos,
desditosas.

«O vencedor Joane
esteve os dias
Costumados no
campo, em grande

glória; Com ofertas,
despois, e romarias,
As graças deu a
Quem lhe deu
vitória. Mas Nuno,
que não quer por
outras vias Entre as
gentes deixar de si
memória Senão por
armas sempre
soberanas, Pera as
terras se passa
Transtaganas.

«Ajuda-o seu
destino de maneira
Que fez igual o
efeito ao
pensamento,
Porque a terra dos
Vândalos,
fronteira,
Lhe concede o
despojo e o
vencimento. Já de
Sevilha a Bética
bandeira, E de
vários senhores,
num momento Se
lhe derriba aos pés,

sem ter defesa,
Obrigados da força
Portuguesa.

«Destas e outras
vitórias
longamente Eram
os Castelhanos
oprimidos,
Quando a paz,
desejada já da
gente, Deram os
vencedores aos
vencidos, Depois
que quis o Padre
omnipotente Dar
os Reis inimigos
por maridos As
duas Ilustríssimas
Inglesas,
Gentis, formosas, ínclitas princesas.

«Não sofre o peito
forte, usado à
guerra, Não ter
inimigo já a quem
faça dano; E assi,
não tendo a quem
vencer na terra, Vai
cometer as ondas do
Oceano Este é o

primeiro Rei que se
desterra Da pátria,
por fazer que o
Africano Conheça,
pelas armas, quanto
excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

«Eis mil nadantes
aves, pelo argento
Da furiosa Tétis
inquieta,

Abrindo as pandas
asas vão ao vento,
Pera onde Alcides

pôs a extrema
meta. O monte
Abila e o nobre
fundamento De
Ceita toma, e o
torpe Mahometa
Deita fora, e segura
toda Espanha Da
Juliana, má e
desleal manha.

«Não consentiu a
morte tantos anos
Que de Herói tão
ditoso se lograsse
Portugal, mas os

coros soberanos Do
Céu supremo quis
que povoasse. Mas,
pera defensão dos
Lusitanos, Deixou
Quem o levou,
quem governasse E
aumentasse a terra
mais que dantes:
Ínclita geração,
altos Infantes.

«Não foi do Rei
Duarte tão ditoso O
tempo que ficou na
suma alteza, Que
assi vai alternando o
tempo iroso O bem
co mal, o gosto co a
tristeza. Quem viu
sempre um estado
deleitoso? Ou quem
viu em Fortuna
haver firmeza? Pois
inda neste Reino e
neste Rei Não usou
ela tanto desta lei?

«Viu ser cativo o
santo irmão
Fernando (Que a

tão altas empresas
aspirava), Que, por
salvar o povo
miserando
Cercado, ao
Sarraceno se
entregava. Só por
amor da pátria está
passando A vida,
de senhora feita
escrava, Por não se
dar por ele a forte
Ceita. Mais o
público bem que o
seu respeita.

«Codro, por que o
inimigo não
vencesse, Deixou
antes vencer da
morte a vida;
Régulo, por que a
pátria não perdesse,
Quis mais a
liberdade ver
perdida. Este, por
que se Espanha não
temesse, A
cativeiro eterno se
convida!

Codro, nem Cúrcio,
ouvido por espanto,
 Nem os Décios
leais, fizeram tanto.

«Mas Afonso, do
Reino único herdeiro,
 Nome em armas
 ditoso em nossa
 Hespéria. Que a
soberba do Bárbaro
fronteiro Tornou em
 baxa e humílma
 miséria, Fora por
 certo invicto
 cavaleiro, Se não
quisera ir ver a terra
Ibéria. Mas Africa
dirá ser impossíbil
Poder ninguém vencer o Rei terríbil.

«Este pôde colher
as maçãs de ouro
 Que somente o
 Tiríntio colher
 pôde. Do jugo
 que lhe pôs, o
bravo Mouro A
cerviz inda agora
 não sacode.
Na fronte a palma

leva e o verde
louro Das vitórias
do Bárbaro, que
acode A defender
Alcácer, forte vila,
Tângere populoso e a dura Arzila.

«Porém elas,
enfim, por força
entradas Os muros
abaxaram de
diamante Às
Portuguesas forças,
costumadas A
derribarem quanto
acham diante.

Maravilhas em
armas, estremadas
E de escritura dinas
elegante,
Fizeram
cavaleiros nesta
empresa, Mais
afinando a fama
Portuguesa.

«Porém depois,
tocado de
ambição E glória
de mandar, amara
e bela, Vai

cometer Fernando
de Aragão, Sobre
o potente Reino
de Castela.

Ajunta-se a
inimiga multidão
Das soberbas e
várias gentes
dela, Desde
Cáliz ao alto
Perineu,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

«Não quis ficar
nos Reinos
occioso O
mancebo Joane, e
logo ordena De
ir ajudar o pai
ambicioso,
Que então lhe foi
ajuda não
pequena. Saiu-se,
enfim, do trance
perigoso, Com
fronte não torvada,
mas serena.
Desbaratado o pai
sanguinolento,
Mas ficou

duvidoso o
vencimento;

«Porque o filho,
sublime e soberano,
Gentil, forte,
animoso cavaleiro,
Nos contrários
fazendo imenso
dano, Todo um dia
ficou no campo
inteiro. Destarte
foi vencido
Octaviano, E
António vencedor,
seu companheiro,
Quando daqueles
que César mataram
Nos Filípicos
campos se
vingaram.

«Porém, depois que
a escura noite eterna
Afonso apousentou
no Céu sereno, O
Príncipe que o Reino
então governa Foi
Joane segundo e Rei
trezeno. Este, por
haver fama

sempiterna, Mais do
que tentar pode
homem terreno
Tentou, que foi
buscar da roxa
Aurora Os términos,
que eu vou buscando
agora.

«Manda seus
mensageiros, que
passaram Espanha,
França, Itália
celebrada, E lá no
ilustre porto se
embarcaram Onde
já foi Parténope
enterrada: Nápoles,
onde os Fados se
mostraram,
Fazendo-a a várias
gentes subjugada,
Pola ilustrar, no fim
de tantos anos, Co
senhorio de ínclitos
Hispanos.

«Polo mar alto
Sículo navegam;
Vão-se às praias
de Rodes

arenosas; E dali
às ribeiras altas
chegam
Que com morte de
Magno são
famosas; Vão a
Mênfis, e às terras
que se regam Das
enchentes Nilóticas
undosas; Sobem à
Etiópia, sobre
Egipto,
Que de Cristo lá guarda o santo rito.

«Passam também
as ondas Eritreias,
Que o povo de
Israel sem nau
passou; Ficam-lhe
atrás as serras
Nabateias, Que o
filho de Ismael co
nome ornou. As
costas odoríferas
Sabeias,
Que a mãe do belo
Adónis tanto
honrou, Cercam,
com toda a Arábia
descoberta, Feliz,

deixando a Pétrea e
a Deserta.

«Entram no
Estreito Pérsico,
onde dura Da
confusa Babel inda
a memória; Ali co
Tigre o Eufrates se
mistura,
Que as fontes onde
nascem têm por
glória. Dali vão em
demanda da água
pura (Que causa
inda será de larga
história) Do Indo,
pelas ondas do
Oceano, Onde não
se atreveu passar
Trajano.

«Viram gentes
incógnitas e
estranhas Da Índia,
da Carmânia e
Gedrosia, Vendo
vários costumes,
várias manhas,
Que cada região
produze e cria.

Mas de vias tão
ásperas,
tamanhas,
Tornar-se
fácilmente não
podia. Lá
morreram, enfim,
e lá ficaram, Que
à desejada pátria
não tornaram.

«Parece que
guardava o claro
Céu A Manuel e
seus
merecimentos
Esta empresa tão
árdua, que o
moveu A subidos
e ilustres
movimentos;
Manuel, que a
Joane sucedeu
No Reino e nos
altivos
pensamentos,
Logo como tomou
do Reino cargo,
Tomou mais a
conquista do mar

largo.

«O qual, como do
nobre pensamento
Daquela obrigação
que lhe ficara De
seus antepassados,
cujo intento Foi
sempre acrescentar
a terra cara, Não
deixasse de ser um
só momento
Conquistado, no
tempo que a luz
clara Foge, e as
estrelas nítidas que
saem A repouso
convidam quando
caem,

«Estando já.
deitado no áureo
leito, Onde
imaginações mais
certas são,
Revolvendo
contino no
conceito De seu
ofício e sangue a
obrigação, Os
olhos lhe ocupou

o sono aceito,
Sem lhe
desocupar o
coração;
Porque, tanto que
lasso se adormece,
Morfeu em várias
formas lhe
aparece.

«Aqui se lhe
apresenta que subia
Tão alto que tocava
à prima Esfera,
Donde diante vários
mundos via,
Nações de muita
gente, estranha e
fera. E lá bem junto
donde nace o dia,
Despois que os
olhos longos
estendera, Viu de
antigos, longincos e
altos montes
Nacerem duas claras e altas fontes.

«Aves agrestes, feras
e alimárias Pelo
monte selvático
habitavam; Mil

árvores silvestres e
ervas várias O passo
e o trato às gentes
atalhavam. Estas
duras montanhas,
adversárias De mais
conversação, por si
mostravam Que, dê
que Adão pecou aos
nossos anos, Não as
romperam nunca pés
humanos.

«Das águas se lhe
antolha que saíam,
Par'ele os largos
passos inclinando,
Dous homens, que
mui velhos
pareciam, De
aspeito, inda que
agreste, venerando.

Das pontas dos
cabelos lhe saíam
Gotas, que o corpo
todo vão banhando;
A cor da pele, baça
e denegrida; A
barba hirsuta,
intonsa, mas

comprida.

«D'ambos de dous a
fronte coroada

Ramos não
conhecidos e ervas
tinha. Um deles a
presença traz
cansada, Como
quem de mais longe
ali caminha; E assi
a água, com ímpeto
alterada, Parecia
que doutra parte
vinha,

Bem como Alfeu de
Arcádia em Siracusa
Vai buscar os
abraços de Aretusa.

«Este, que era o
mais grave na
pessoa, Destarte
pera o Rei de longe
brada: - «Ó tu, a
cujos reinos e
coroa

Grande parte do
mundo está
guardada, Nós
outros, cuja fama

tanto voa, Cuja
cerviz bem nunca
foi domada, Te
avisamos que é
tempo que já
mandes A receber
de nós tributos
grandes.

«Eu sou o ilustre
Ganges, que na
terra Celeste tenho
o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo,
Rei que, nesta serra
Que vês, seu
nascimento tem
primeiro.

Custar-t'-emos
contudo dura
guerra; Mas,
insistindo tu, por
derradeiro, Com
não vistas vitórias,
sem receio A
quantas gentes vês
porás o freio.»

«Não disse mais o
Rio ilustre e santo,
Mas ambos

desparecem num
momento. Acorda
Emanuel cum novo
espanto E grande
alteração de
pensamento.

Estendeu nisto
Febo o claro manto
Pelo escuro
Hemispério
somnolento; Veio a
manhã no céu
pintando as cores
De pudibunda rosa
e roxas flores.

«Chama o Rei os
senhores a
conselho E
propõe-lhe as
figuras da visão;
As palavras lhe diz
do santo velho,
Que a todos foram
grande admiração.

Determinam o
náutico aparelho,
Pera que, com
sublime coração,
Vá a gente que mandar cortando os

mares

A buscar novos climas, novos ares.

«Eu, que bem mal
cuidava que em
efeito Se pusesse o
que o peito me
pedia, Que sempre
grandes coisas deste
jeito, Pres[s]ago, o
coração me
prometia, Não sei
por que razão, por
que respeito, Ou
por que bom sinal
que em mi se via,
Me põe o ínclito Rei
nas mãos a chave
Deste cometimento
grande e grave.

«E com rogo e
palavras amorosas,
Que é um mando nos
Reis que a mais
obriga, Me disse: -
«As cousas árduas e
lustrosas Se alcançam
com trabalho e com
fadiga; Faz as pessoas
altas e famosas

A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo
infame não se rende,
Então, se menos dura,
mais se estende.

«Eu vos tenho
entre todos
escolhido Pera ùa
empresa, qual a
vós se deve,
Trabalho ilustre,
duro e
esclarecido,
O que eu sei que por
mi vos será leve.»
«Não sofri mais, mas
logo: - «Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro,
a fogo, a neve, É tão
pouco por vós que
mais me pena Ser
esta vida cousa tão
pequena.

«Imaginaí tamanhas aventuras
Quais Euristeu a
Alcides
inventava: O lião
Cleonéu, Harpias

duras,
O porco de
Erimanto, a Hidra
brava, Decer,
enfim, às sombras
vãs e escuras Onde
os campos de Dite
a Estige lava;
Porque a maior
perigo, a mor
afronta, Por vós, ó
Rei, o espírito e carne
é pronta.»

«Com mercês
sumptuosas me
agradece E com
razões me louva
esta vontade; Que
a virtude louvada
vive e crece E o
louvor altos casos
persuade.

A
acompanhar-me
logo se oferece,
Obrigado d'amor
e d'amizade,
Não menos
cobiçoso de honra

e fama, O caro
meu irmão Paulo
da Gama.

«Mais se me
ajunta Nicolau
Coelho, De
trabalhos mui
grande sofredor.
Ambos são de
valia e de
conselho,
D'experiência em
armas e furor.
Já de manceba
gente me
aparelho, Em
que crece o
desejo do valor;
Todos de grande
esforço; e assi
parece Quem a
tamanhas cousas se
oferece.

«Foram de Emanuel
remunerados, Por
que com mais amor
se apercebessem, E
com palavras altas
animados

Pera quantos
trabalhos
sucedessem. Assi
foram os Mínias
ajuntados,
Pera que o Véu dourado combatessem,
Na fatídica nau,
que ousou
primeira Tentar o
mar Euxínio,
aventureira.

«E já no porto da ínclita Ulisseia,
Cum alvoroço nobre e cum desejo
(Onde o licor
mistura e branca
areia Co salgado
Neptuno o doce
Tejo)

As naus prestes
estão; e não
refreia Temor
nenhum o juvenil
despejo,

Porque a gente
marítima e a de
Marte Estão pera
seguir-me a toda a
parte.

«Pelas praias vestidos os soldados

De várias cores vêm e várias artes,
E não menos de
 esforço
aparelhados Pera
buscar do mundo
novas partes. Nas
 fortes naus os
ventos sossegados
Ondeiam os aéreos
 estandartes;
Elas prometem, vendo
os mares largos, De
 ser no Olimpo
estrelas, como a de
 Argos.

«Despois de
aparelhados, desta
sorte, De quanto
tal viagem pede e
 manda,
Aparelhámos a
alma pera a morte,
Que sempre aos
nautas ante os olhos
anda. Pera o sumo
Poder, que a etérea
Corte Sustenta só co
a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse

E que nossos começos aspirasse.

«Partimo-nos assi do santo templo
Que nas praias do
mar está assentado,
Que o nome tem da
terra, pera exemplo,
Donde Deus foi em
carne ao mundo
dado. Certifico-te, ó
Rei, que, se
contemplo Como fui
destas praias
apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o
freio.

«A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos,
outros por
parentes, Outros
por ver somente)
concorria,
Saüdosos na vista
e descontentes
E nós, co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão
solene, a Deus
orando, Pera os

batéis viemos
caminhando.

«Em tão longo
caminho e
duvidoso Por
perdidos as gentes
nos julgavam, As
mulheres cum
choro piadoso
Os homens com
suspiros que
arrancavam. Mães,
Esposas, Irmãs, que
o temeroso Amor
mais desconfia,
acrecentavam A
desesperação e frio
medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

«Qual vai dizendo: -
«Ó filho, a quem eu
tinha Só pera
refrigério e doce
emparo

Desta cansada já velhice minha,
Que em choro
acabará, penoso e
amaro Porque me
deixas, mísera e

mesquinha? Porque
de mi te vás, ó filho
caro,

A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de pexes mantimento?»

«Qual em cabelo: - «Ó
doce e amado esposo,
Sem quem não quis
Amor que viver possa,
Porque is aventurar ao
mar airoso Essa vida
que é minha e não é
vossa? Como, por um
caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição
tão doce nossa?
Nosso amor, nosso
vão contentamento,
Quereis que com as
velas leve o vento?»

«Nestas e outras
palavras que
diziam, De amor e
de piadosa
humanidade, Os
velhos e os
mininos os
seguiam,
Em quem menos

esforço põe a
idade. Os montes
de mais perto
respondiam,
Quási movidos de
alta piedade;
A branca areia as
lágrimas banhavam,
Que em multidão
com elas se
igualavam.

«Nós outros, sem a
vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a
esposa, neste
estado, Por nos não
magoarmos, ou
mudarmos Do
propósito firme
começado,
Determinei de assi
nos embarcarmos,
Sem o
despedimento
costumado,
Que, posto que é de
amor usança boa,
A quem se aparta,
ou fica, mais

magoa.

«Mas um velho,
d'aspeito
venerando, Que
ficava nas praias,
entre a gente,
Postos em nós os
olhos, meneando
Três vezes a
cabeça,
descontente,
A voz pesada um
pouco
alevantando, Que
nós no mar
ouvimos
claramente, Cum
saber só
d'experiências
feito, Tais
palavras tirou do
experto peito:

- «Ó glória de
mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a
quem chamamos
Fama! Ó
fraudulento gosto,
que se atija

Cüa aura popular,
que honra se
chama! Que castigo
tamanho e que
justiça Fazes no
peito vão que muito
te ama! Que
mortes, que perigos,
que tormentas, Que
crueldades neles
experimentas!

«Dura
inquietação
d'alma e da vida
Fonte de
desemparos e
adultérios, Sagaz
consumidora
conhecida
De fazendas, de
reinas e de impérios!
hamam-te ilustre,
chamam-te subida,
Sendo dina de
infames vitupérios;
Chamam-te Fama e
Glória soberana,
Nomes com quem se
o povo néscio

engana!

«A que novos
desastres
determinas De
levar estes Reinos
e esta gente? Que
perigos, que
mortes lhe
destinas, Debaixo
dalgum nome
preminente? Que
promessas de
reinos e de minas
D'ouro, que lhe
farás tão
facilmente?
Que famas lhe
prometerás? Que
histórias? Que
triunfos? Que
palmas? Que
vitórias?

«Mas, ó tu,
geração daquele
insano Cujo
pecado e
desobediência
Não somente do
Reino soberano Te

pôs neste desterro e
triste ausência, Mas
inda doutro estado
mais que humano,
Da quieta e da
simpres inocência,
Idade d'ouro, tanto te
privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

«Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome,
esforço e
valentia, Já que
prezas em tanta
quantidade : O
desprezo da vida,
que devia
De ser sempre
estimada, pois
que já Temeu
tanto perdê-la
Quem a dá:

«Não tens junto
contigo o Ismaelita,
Com quem sempre
terás guerras
sobejas? Não segue

ele do Arábio a lei
maldita, Se tu pola
de Cristo só pelejas?
Não tem cidades
mil, terra infinita,
Se terras e
riqueza mais
desejas? Não é
ele por armas
esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

«Deixas criar às
portas o inimigo,
Por ires buscar
outro de tão longe,
Por quem se
despovoe o Reino
antigo, Se
enfraqueça e se vá
deitando a longe;
Buscas o incerto e
incógnito perigo
Por que a Fama te
exalte e te lisonje
Chamando-te
senhor, com larga
cópia, Da Índia,
Pérsia, Arábia e de
Etiópia.

«Oh, maldito o
primeiro que, no
mundo, Nas ondas
vela pôs em seco
lenho! Dino da
eterna pena do
Profundo, Se é
justa a justa Lei que
sigo e tenho!
Nunca juízo algum,
alto e profundo,
Nem cítara sonora
ou vivo engenho Te
dê por isso fama
nem memória, Mas
contigo se acabe o
nome e glória!

«Trouxe o filho de
Jápeto do Céu O
fogo que ajuntou ao
peito humano, Fogo
que o mundo em
armas acendeu, Em
mortes, em desonras
(grande engano!).
Quanto melhor nos
fora, Prometeu, E
quanto pera o mundo
menos dano, Que a

tua estátua ilustre não
tivera Fogo de altos
desejos, que a
movera!

«Não cometera o
moço miserando O
carro alto do pai,
nem o ar vazio O
grande arquitecto
co filho, dando Um,
nome ao mar, e o
outro, fama ao rio.

Nenhum
cometimento alto e
nefando Por fogo,
ferro, água, calma e
frio,

Deixa intentado a
humana geração.

Mísera sorte!

Estranha
condição!»

Canto V

ESTAS sentenças
tais o velho
honrado
Vociferando estava,

quando abrimos

As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto
amado nos
partimos. E, como
é já no mar
costume usado, A
vela desfraldando,
o céu ferimos,
Dizendo:- «Boa
viagem!»; logo o
vento Nos troncos
fez o usado
movimento.

«Entrava neste
tempo o eterno
lume No animal
Nemeio
truculento;
E o Mundo, que co
tempo se consume,
Na sexta idade
andava, enfermo e
lento. Nela vê,
como tinha por
costume, Cursos do
Sol catorze vezes
cento, Com mais
noventa e sete, em

que corria, Quando
no mar a armada se
estendia.

«Já a vista, pouco e
pouco, se desterra
Daqueles pátrios
montes, que
ficavam; Ficava o
caro Tejo e a fresca
serra De Sintra, e
nela os olhos se
alongavam;
Ficava-nos também
na amada terra O
coração, que as
mágoas lá
deixavam; E, já
despois que toda se
escondeu, Não
vimos mais, enfim,
que mar e céu.

«Assi fomos
abrindo aqueles
mares, Que
geração algüa não
abriu,
As novas Ilhas
vendo e os novos
ares Que o

generoso Henrique
descobriu; De
Mauritânia os
montes e lugares,
Terra que Anteu
num tempo
possuiu, Deixando
à mão esquerda,
que à direita Não
há certeza doutra,
mas suspeita.

«Passámos a grande
Ilha da Madeira,
Que do muito
arvoredo assi se
chama; Das que nós
povoámos a
primeira, Mais
célebre por nome
que por fama. Mas,
nem por ser do
mundo a derradeira,
Se lhe aventajam
quantas Vénus ama;
Antes, sendo esta
sua, se esquecera
De Cipro, Gnido,
Pafos e Citera.

«Deixámos de

Massília a estéril
costa, Onde seu
gado os Azenegues
pastam, Gente que
as frescas águas
nunca gosta, Nem as
ervas do campo bem
lhe abastam; A terra
a nenhum fruto,
enfim, disposta,
Onde as aves no
ventre o ferro
gastam, Padecendo
de tudo extrema
inópia, Que aparta a
Barbaria de Etiópia.

«Passámos o limite aonde chega
O Sol, que pera o
Norte os carros
guia; Onde jazem
os povos a quem
nega O filho de
Climene a cor do
dia.

Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo
Arsinário o nome
perde,

Chamando-se dos
nossos Cabo
Verde.

«Passadas tendo já
as Canárias ilhas,
Que tiveram por
nome Fortunadas,
Entrámos,
navegando, pelas
filhas
Do velho Hespério,
Hespéridas
chamadas; Terras
por onde novas
maravilhas Andaram
vendo já nossas
armadas. Ali
tomámos porto com
bom vento, Por
tomarmos da terra
mantimento.

«Àquela ilha
aportámos que
tomou O nome
do guerreiro
Santiago,
Santo que os
Espanhóis tanto
ajudou fazerem

nos Mouros bravo
 estrago. Daqui,
 tanto que Bóreas
 nos ventou,
Tornámos a cortar
 o imenso lago
 Do salgado
 Oceano, e assi
deixámos A terra
 onde o refresco
 doce achámos.

«Por aqui rodeando a larga parte
De África, que ficava ao Oriente
(A província Jalofo, que reparte
 Por diversas
 nações a negra
 gente; A mui
grande Mandinga,
 por cuja arte
Logramos o metal
 rico e luzente,
 Que do curvo
Gambeia as águas
bebe, As quais o
 largo Atlântico
 recebe),

«As Dórcadas
 passámos,
povoadas Das

Irmãs que outro
tempo ali viviam,
Que, de vista total
sendo privadas,
Todas três dum só
olho se serviam.
Tu só, tu, cujas
tranças
encrespadas
Neptuno lá nas
águas acendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De bívoras encheste a ardente areia.

«Sempre, enfim, pera
o Austro a aguda proa,
No grandíssimo
gôlfão nos metemos,
Deixando a Serra
aspérrima Lioa, Co
Cabo a quem das
Palmas nome demos.
O grande rio, onde
batendo soa
O mar nas praias
notas, que ali
temos, Ficou, co a
Ilha ilustre, que
tomou O nome
dum que o lado a

Deus tocou.

«Ali o mui grande
reino está de
Congo, Por nós já
convertido à fé de
Cristo, Por onde o
Zaire passa, Claro e
longo, Rio pelo
antigos nunca visto.
Por este largo mar,
enfim, me alongo
Do conhecido
Pólo de Calisto,
Tendo o término
ardente já
passado Onde o
meio do Mundo é
limitado.

«Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo
Hemispério, nova
estrela, Não vista
de outra gente, que,
ignorante, Alguns
tempos esteve
incerta dela. Vimos
a parte menos
rutilante
E, por falta de

estrelas, menos
bela, Do Pólo
fixo, onde inda se
não sabe Que
outra terra comece
ou mar acabe.

«Assi, passando aquelas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous Invernos
fazendo e dous
Verões, Enquanto
corre dum ao outro
Pólo, Por calmas,
por tormentas e
opressões, Que
sempre faz no mar
o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a
pesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Neptuno.

«Contar-te longamente
as perigosas Cousas
do mar, que os homens
não entendem, Súbitas
trovoadas temerosas,
Relâmpados que o ar
em fogo acendem,
Negros chuveis,
noites tenebrosas,

Bramidos de trovões,
que o mundo fendem,
Não menos é trabalho
que grande erro,
Ainda que tivesse a
voz de ferro.

«Os casos vi, que os
rudos marinheiros,
Que têm por mestra
a longa experiência,
Contam por certos
sempre e
verdadeiros,

Julgando as cousas
só pola aparência,
E que os que têm
juízos mais
inteiros, Que só
por puro engenho e
por ciência

Vêm do mundo os
segredos
escondidos, Julgam
por falsos ou mal
entendidos.

«Vi, claramente
visto, o lume vivo
Que a marítima
gente tem por

santo, Em tempo
de tormenta e vento
esquivo, De
tempestade escura e
triste pranto. Não
menos foi a todos
excessivo
Milagre, e cousa,
certo, de alto
espanto, Ver as
nuvens, do mar
com largo cano,
Sorver as altas
águas do Oceano.

«Eu o vi
certamente (e não
presumo Que a
vista me
enganava):
levantar-se No ar
um vaporzinho e
sutil fumo

E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um
cano ao Pólo sumo
Se via, tão delgado,
que enxergar-se
Dos olhos
fácilmente não

podia;
Da matéria das nuvens parecia.

«Ia-se pouco e pouco
acrecentando E mais
que um largo masto
se engrossava; Aqui
se estreita, aqui se
alarga, quando Os
golpes grandes de
água em si chupava;
Estava-se co as
ondas ondeando;
Em cima dele ua
nuvem se
espessava,
Fazendo-se maior,
mais carregada,
Co cargo grande
d'água em si
tomada.

«Qual roxa sangues[s]uga se veria
Nos beijos da
alimária (que,
imprudente,
Bebendo a recolheu
na fonte fria) Fartar
co sangue alheio a
sede ardente;
Chupando, mais e

mais se engrossa e
cria, Ali se enche e
se alarga
grandemente: Tal a
grande coluna,
enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra
que sustenta.

«Mas, depois que
de todo se fartou, O
pé que tem no mar a
si recolhe E pelo
céu, chovendo,
enfim voou, Por
que co a água a
jacente água molhe;
Às ondas torna as
ondas que tomou,
Mas o sabor do sal
lhe tira e tolhe.

Vejam agora os
sábios na escritura
Que segredos são
estes de Natura!

«Se os antigos
Filósofos, que
andaram Tantas
terras, por ver

segredos delas, As
maravilhas que eu
passei, passaram, A
tão diversos ventos
dando as velas, Que
grandes escrituras
que deixaram! Que
influência de sinos e
de estrelas! Que
estranhezas, que
grandes qualidades!
E tudo, sem mentir,
puras verdades.

«Mas já o Planeta
que no Céu
primeiro Habita,
cinco vezes,
apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrara, enquanto o
mar cortava a armada,
Quando da etérea
gávea, um marinheiro,
Pronto co a vista:
«Terra! Terra!» brada.
Salta no bordo
alvoroçada a
gente, Cos olhos
no horizonte do

Oriente.

«A maneira de
nuvens se começam
A descobrir os
montes que
enxergamos; As
âncoras pesadas se
adereçam; As
velas, já chegados,
amainamos. E, pera
que mais certas se
conheçam As
partes tão remotas
onde estamos, Pelo
novo instrumento
do Astrolábio,
Invenção de sutil
juízo e sábio,

«Desembarcamos
logo na espaçosa
Parte, por onde a
gente se espalhou,
De ver cousas
estranhas desejosa,
Da terra que outro
povo não pisou.

Porém eu, cos
pilotos, na arenosa
Praia, por vermos

em que parte
estou, Me detenho
em tomar do Sol a
altura E
compassar a
universal pintura.

«Achámos ter de
todo já passado
Do Semícapro
Pexe a grande
meta, Estando
entre ele e o
circulo gelado
Austral, parte do
mundo mais
secreta. Eis, de
meus
companheiros
rodeado, Vejo um
estranho vir, de
pele preta,
Que tomaram per
força, enquanto
apanha De mel os
doces favos na
montanha.

«Torvado vem na
vista, como aquele
Que não se vira

nunca em tal
extremo; Nem ele
entende a nós, nem
nós a ele,
Selvagem mais que
o bruto Polifemo.

Começo-lhe a
mostrar da rica
pele De Colcos
o gentil metal
supremo, A
prata fina, a
quente
especiaria: A
nada disto o
bruto se movia.

«Mando mostrar-lhe
peças mais somenos:
Contas de cristalino
transparente, Alguns
soantes cascavéis
pequenos, Um
barrete vermelho,
cor contente; Vi
logo, por sinais e por
acenos, Que com
isto se alegra
grandemente.
Mando-o soltar com

tudo e assi caminha
Pera a povoação, que
perto tinha.

«Mas, logo ao outro
dia, seus parceiros,
Todos nus e da cor da
escura treva,
Decendo pelos
ásperos outeiros, As
peças vêm buscar que
estoutro leva.

Domésticos já tanto e
companheiros se nos
mostram, que fazem
que se atreva Fernão
Veloso a ir ver da
terra o trato E
partir-se co eles pelo
mato.

«É Veloso no braço confiado
E, de arrogante, crê
que vai seguro;
Mas, sendo um
grande espaço já
passado, Em que
algum bom sinal
saber procuro,
Estando, a vista
alçada, co cuidado

No aventureiro, eis
pelo monte duro
Aparece e, segundo
ao mar caminha,
Mais apressado do
que fora, vinha.

«O batel de Coelho foi depressa
Polo tomar; mas,
antes que
chegasse, Um
Etíope ousado se
arremessa
A ele, por que não se
lhe escapasse; Outro
e outro lhe saem;
vê-se em pressa
Veloso, sem que
alguém lhe ali
ajudasse; Acudo eu
logo, e, enquanto o
remo aperto, Se
mostra um bando
negro, descoberto.

«Da espessa nuvem
setas e pedradas
Chovem sobre nós
outros, sem
medida; E não
foram ao vento em

vão deitadas,
Que esta perna
trouxe eu dali
ferida. Mas nós,
como pessoas
magoadas, A
reposta lhe demos
tão tecida
Que em mais que
nos barretes se
suspeita Que a cor
vermelha levam
desta feita.

«E, sendo já Veloso
em salvamento,
Logo nos
recolhemos pera a
armada, Vendo a
malícia feia e rudo
intento Da gente
bestial, bruta e
malvada, De quem
nenhum melhor
conhecimento
Pudemos ter da
Índia desejada
Que estarmos inda
muito longe dela.
E assi tornei a dar

ao vento a vela.

«Disse então a

Veloso um

companheiro

(Começando-se

todos a sorrir):

- «Oulá, Veloso

amigo! Aquele

outeiro É melhor

de decer que de

subir!»

- «Si, é (responde o

ousado aventureiro);

Mas, quando eu pera

cá vi tantos vir

Daqueles cães,

depressa um pouco

vim, Por me lembrar

que estáveis cá sem

mim.»

«Contou então que,

tanto que passaram

Aquele monte os

negros de quem

falo, Avante mais

passar o não

deixaram,

Querendo, se não

torna, ali matá-lo;

E tornando-se, logo
se emboscaram,
Por que, saindo nós
pera tomá-lo,
Nos pudessem
mandar ao reino
escuro, Por nos
roubarem mais a
seu seguro.

«Porém já cinco
Sóis eram
passados Que
dali nos
partíramos,
cortando
Os mares nunca
d'outrem
navegados,
Pròsperamente os
ventos assoprando,
Quando ùa noute,
estando
descuidados Na
cortadora proa
vigiando,
ùa nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.
«Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos

corações um grande
medo; Bramindo, o
negro mar de longe
brada, Como se
desse em vão
nalgum rochedo. -
«Ó Potestade
(disse) sublimada:
Que ameaço divino
ou que segredo
Este clima e este
mar nos apresenta,
Que mor cousa
parece que
tormenta?»

«Não acabava, quando ùa figura
Se nos mostra no
ar, robusta e
válida, De
disforme e
grandíssima
estatura; O rosto
carregado, a barba
esquálida, Os
olhos encovados, e
a postura
Medonha e má e a
cor terrena e
pálida; Cheios de

terra e crespos os
cabelos, A boca
negra, os dentes
amarelos.

«Tão grande era de
membros que bem
posso Certificar-te
que este era o segundo

De Rodes
estranhíssimo
Colosso,
Que um dos sete
milagres foi do
mundo. Cum tom de
voz nos fala, horrendo
e grosso, Que pareceu
sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes
e o cabelo,

A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

«E disse: - «Ó gente
ousada, mais que
quantas No mundo
cometeram grandes
cousas, Tu, que por
guerras cruas, tais e
tantas,

E por trabalhos
vãos nunca

repousas, Pois os
vedados términos
quebrantas E
navegar meus
longos mares
ousas,

Que eu tanto tempo há
já que guardo e tenho,
Nunca arados
d'estranho ou próprio
lenho;

«Pois vens ver os
segredos escondidos
Da natureza e do
húmido elemento, A
nenhum grande
humano concedidos
De nobre ou de
imortal

merecimento, Ouve
os danos de mi que
apercebidos Estão a
teu sobejo
atrevimento, Por
todo o largo mar e
pola terra Que inda
hás-de sojugar com
dura guerra.

«Sabe que

quantas naus esta
viagem Que tu
fazes, fizerem, de
atrevidas,
Inimiga terão esta
paragem,
Com ventos e
tormentas
desmedidas; E da
primeira armada
que passagem
Fizer por estas
ondas insofridas,
Eu farei de
improviso tal
castigo Que seja
mor o dano que o
perigo!

«Aqui espero
tomar, se não me
engano, De quem
me descobriu suma
vingança; E não se
acabará só nisto o
dano De vossa
pertinace
confiança:
Antes, em vossas
naus vereis, cada

ano, Se é verdade o
que meu juízo
alcança,
Naufrágios,
perdições de toda
sorte, Que o menor
mal de todos seja a
morte!

«E do primeiro
Ilustre, que a
ventura Com
fama alta fizer
tocar os Céus,
Serei eterna e
nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da
Turca armada
dura Os soberbos
e prósperos
troféus; Comigo
de seus danos o
ameaça A
destruída Quíloa
com Mombaça.

«Outro também
virá, de honrada
fama, Liberal,
cavaleiro,

enamorado,
E consigo trará a
fermosa dama Que
Amor por grão
mercê lhe terá dado.
Triste ventura e
negro fado os
chama Neste
terreno meu, que,
duro e irado, Os
deixará dum cru
naufrágio vivos,
Pera verem
trabalhos
excessivos.

«Verão morrer com
fome os filhos caros,
Em tanto amor
gerados e nascidos;
Verão os Cafres,
ásperos e avaros,
Tirar à linda dama
seus vestidos; Os
cristalinos
membros e
perclaros À calma,
ao frio, ao ar, verão
despidos, Depois
de ter pisada,

longamente, Cos
delicados pés a
areia ardente.

«E verão mais os
olhos que
escaparem De
tanto mal, de tanta
desventura, Os
dous amantes
miseros ficarem
Na férvida,
implacável
espessura.

Ali, depois que as
pedras abrandarem
Com lágrimas de
dor, de mágoa
pura, Abraçados,
as almas soltarão

Da fermosa e misérrima prisão.»

«Mais ia por diante o
monstro horrendo,
Dizendo nossos Fados,
quando, alçado, Lhe
disse eu: - «Quem és tu?
Que esse estupendo
Corpo, certo me tem
maravilhado!»

A boca e os olhos negros retorcendo

E dando um
espantoso e grande
brado, Me
respondeu, com voz
pesada e amara,
Como quem da
pergunta lhe pesara:

«Eu sou aquele oculto
e grande Cabo A
quem chamais vós
outros Tormentório,
Que nunca a
Ptolomeu, Pompónio,
Estrabo, Plínio e
quantos passaram fui
notório. Aqui toda a
Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que pera o Pólo
Antártico se
estende, A quem
vossa ousadia
tanto ofende.

«Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado,
Egeu e o
Centimano;
Chamei-me
Adamastor, e fui na

guerra Contra o
que vibra os raios
de Vulcano; Não
que pusesse serra
sobre serra,
Mas, conquistando
as ondas do
Oceano, Fui
capitão do mar, por
onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

«Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa;
Todas as Deusas desprezei do Céu,
Só por amar das águas a Princesa.
Um dia a vi, co as filhas de Nereu,
Sair nua na praia e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais
queira.

«Como fosse impossível alcançá-la,
Pola grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a Deusa
então por mi lhe
fala; Mas ela, cum
fermoso riso
honesto,

Respondeu: - «Qual
será o amor bastante
De Ninfa, que
sustente o dum
Gigante?

«Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha
honra, escuse o dano.»
Tal resposta me torna
a mensageira.

Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos
amantes a cegueira),
Encheram-me, com
grandes abundanças,
O peito de desejos e
esperanças.

«Já néscio, já da guerra desistindo,
üa noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida.
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços pera aquela que era vida
Deste corpo, e
começo os olhos
belos A lhe beijar,
as faces e os
cabelos.

«Oh que não sei de
nojo como o conte!
Que, crendo ter nos
braços quem amava,
Abraçado me achei
cum duro monte De
áspero mato e de
espessura brava.
Estando cum penedo
frente a frente, Qu'eu
polo rosto angélico
apertava, Não fiquei
homem, não; mas
mudo e quedo E,
junto dum penedo,
outro penedo!

«Ó Ninfa, a mais
fermosa do Oceano,
Já que minha
presença não te
agrada, Que te
custava ter-me neste
engano, Ou fosse
monte, nuvem, sonho
ou nada? Daqui me
parto, irado e quási
insano Da mágoa e
da desonra ali
passada, A buscar

outro mundo, onde
não visse Quem de
meu pranto e de meu
mal se risse.

«Eram já neste
tempo meus Irmãos
Vencidos e em
miséria extrema
postos, E, por mais
segurar-se os
Deuses vãos,
Alguns a vários
montes sotopostos.

E, como contra o
Céu não valem
mãos, Eu, que
chorando andava
meus desgostos,
Comecei a sentir do
Fado imigo,

Por meus atrevimentos, o castigo:

Converte-se-me a
carne em terra
dura; Em penedos
os ossos se
fizeram; Estes
membros que vês,
e esta figura, Por
estas longas águas

se estenderam.
Enfim, minha
grandíssima
estatura Neste
remoto Cabo
converteram
Os Deuses; e, por
mais dobradas
mágoas, Me anda
Tétis cercando
destas águas.»

«Assi contava; e,
cum medonho
choro, Súbito
d'ante os olhos se
apartou; Desfez-se
a nuvem negra, e
cum sonoro
Bramido muito
longe o mar soou.
Eu, levantando as
mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão
longe nos guiou, A
Deus pedi que
removesse os duros
Casos, que
Adamastor contou
futuros.

«Já Flégon e Piróis
vinham tirando,
Cos outros dous, o
carro radiante,
Quando a terra alta
se nos foi
mostrando Em que
foi convertido o
grão Gigante. Ao
longo desta costa,
começando Já de
cortar as ondas do
Levante, Por ela
abaixo um pouco
navegámos, Onde
segunda vez terra
tomámos.

«A gente que esta terra possuía,
Posto que todos Etíopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros que
tão mal nos
receberam. Com
bailos e com festas
de alegria Pela praia
arenosa a nós
vieram,
As mulheres
consigo e o manso

gado Que
apacentavam,
gordo e bem
criado.

«As mulheres,
queimadas, vêm em
cima Dos
vagarosos bois, ali
sentadas,
Animais que eles
têm em mais
estima Que todo o
outro gado das
manadas.

Cantigas pastoris,
ou prosa ou rima,
Na sua língua
cantam,
concertadas Co
doce som das
rústicas avenas,

Imitando de Títiro as Camenas.

«Estes, como na vista
prazenteiros Fossem,
humanamente nos
trataram,
Trazendo-nos galinhas
e carneiros A troco
doutras peças que

levaram; Mas como
nunca, enfim, meus
companheiros Palavra
sua algüa lhe
alcançaram
Que desse algum
sinal do que
buscamos, As velas
dando, as âncoras
levamos.

«Já aqui tínhamos
dado um grão
rodeio À costa
negra de Africa, e
tornava A proa a
demandar o ardente
meio Do Céu, e o
Pólo Antártico
ficava. Aquele
ilhéu deixámos
onde veio

Outra armada
primeira, que
buscava O
Tormentório
Cabo e,
descoberto,
Naquele ilhéu fez
seu limite certo.

«Daqui fomos
cortando muitos
dias, Entre
tormentas tristes e
bonanças, No
largo mar fazendo
novas vias,
Só conduzidos de
árduas esperanças.
Co mar um tempo
andámos em
porfias, Que, como
tudo nele são
mudanças,
Corrente nele
achámos tão
possante, Que
passar não deixava
por diante:

«Era maior a força em demasia,
Segundo pera trás nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do
vento que
assoprava.
Injuriado Noto da
porfia
Em que co mar
(parece) tanto

estava, Os
assopros esforça
iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

«Trazia o Sol o dia celebrado
Em que três Reis
das partes do
Oriente Foram
buscar um Rei, de
pouco nado, No
qual Rei outros três
há juntamente;
Neste dia outro
porto foi tomado
Por nós, da mesma
já contada gente,
Num largo rio, ao
qual o nome
demos Do dia em
que por ele nos
metemos.

«Desta gente
refresco algum
tomámos E do rio
fresca água; mas
contudo Nenhum
sinal aqui da Índia
achámos No povo,
com nós outros

cási mudo. Ora vê,
Rei, quamanha
terra andámos.
Sem sair nunca
deste povo rudo,
Sem vermos
nunca nova nem
sinal Da
desejada parte
Oriental.
«Ora imagina
agora quão
coitados
Andaríamos todos,
quão perdidos De
fomes, de
tormentas
quebrantados, Por
climas e por mares
não sabidos, E do
esperar comprido
tão cansados
Quanto a
desesperar já
compelidos, Por
céus não naturais,
de qualidade
Inimiga de nossa
humanidade!

«Corrupto já e
danado o
mantimento,
Danoso e mau ao
fraco corpo
humano E, além
disso, nenhum
contentamento,
Que sequer da
esperança fosse
engano. Crês tu
que, se este nosso
ajuntamento De
soldados não fora
Lusitano,
Que durara ele tanto obediente,
Porventura, a seu Rei e a seu regente?

«Crês tu que já
não foram
levantados Contra
seu Capitão, se os
resistira,
Fazendo-se
piratas, obrigados
De desesperação, de
fome, de ira?
Grandemente, por
certo, estão
provados, Pois que

nenhum trabalho
grande os tira
Daquela
Portuguesa alta
excelência De
lealdade firme e
obediência.

«Deixando o porto,
enfim, do doce rio
E tornando a cortar
a água salgada,
Fizemos desta
costa algum
desvio,

Deitando pera o
pego toda a
armada; Porque,
ventando Noto,
manso e frio, Não
nos apanhasse a
água da enseada
Que a costa faz
ali, daquela
banda Donde a
rica Sofala o
ouro manda.

«Esta passada, logo o
leve leme
Encomendado ao

sacro Nicolau, Pera
onde o mar na costa
brada e geme, A
proa inclina d'ua e
douta nau; Quando,
indo o coração que
espera e teme E que
tanto fiou dum fraco
pau, Do que
esperava já
desesperado, Foi
d'ua novidade
alvoroçado.

«E foi que,
estando já da costa
perto, Onde as
praias e vales bem
se viam, Num rio,
que ali sai ao mar
aberto, Batéis à
vela entravam e
saíam.

Alegria mui grande
foi, por certo,
Acharmos já
pessoas que sabiam
Navegar, porque
entre elas
esperámos De

achar novas algüas,
como achámos.

«Etíopes são todos, mas parece
Que com gente
 melhor
comunicavam;
Palavra algüa
Arábia se conhece
Entre a linguagem
sua que falavam;
 E com pano
delgado, que se
tece De algodão,
 as cabeças
apertavam; Com
outro, que de tinta
azul se tinge,
 Cada um as
vergonhosas partes
cinge.

«Pela Arábica língua
que mal falam E que
Fernão Martins mui
bem entende, Dizem
que, por naus que em
grandeza igualam As
nossas, o seu mar se
corta e fende; Mas
que, lá donde sai o Sol,

se abalam Pera onde a
costa ao Sul se alarga e
estende, E do Sul pera
o Sol, terra onde havia
Gente, assi como nós,
da cor do dia.

«Mui grandemente
aqui nos alegrámos
Co a gente, e com
as novas muito
mais. Pelos sinais
que neste rio
achámos

O nome lhe ficou dos Bons Sinais.
Um padrão nesta
terra alevantámos,
Que, pera
assinalar lugares
tais,

Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.

«Aqui de limos,
cascas e
d'ostrinhos,
Nojosa criação
das águas fundas,
Alimpámos as naus,
que dos caminhos
Longos do mar vêm

sórdidas e imundas.
Dos hóspedes que
tínhamos vizinhos,
Com mostras
aprazíveis e
jocundas,
Houvemos sempre o
usado mantimento,
Limpos de todo o
falso pensamento.

«Mas não foi, da
esperança grande e
imensa Que nesta
terra havemos,
limpa e pura A
alegria; mas logo a
recompensa

A Ramnúsia com nova desventura.
Assi no Céu sereno se dispensa;
Co esta condição, pesada e dura,
Nacemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

«E foi que, de doença crua e feia,
A mais que eu nunca
vi, desemparraram
Muitos a vida, e em
terra estranha e
alheia Os ossos pera
sempre sepultaram.

Quem haverá que,
sem o ver, o creia,

Que tão
disformemente ali
lhe incharam As
gingivas na boca,
que crecia

A carne e juntamente apodrecia?

«Apodrecia cum fétido e bruto
Cheiro, que o ar
vizinho
inficionava. Não
tínhamos ali
médico astuto,
Cirurgião sutil menos se achava;
Mas qualquer, neste
ofício pouco instruto,
Pela carne já podre
assi cortava
Como se fora
morta, e bem
convinha, Pois
que morto ficava
quem a tinha.

«Enfim que nesta
incógnita espessura
Deixámos pera
sempre os
companheiros Que

em tal caminho e em
tanta desventura
Foram sempre
connosco
aventureiros. Quão
fácil é ao corpo a
sepultura!
Quaisquer ondas do
mar, quaisquer
outeiros Estranhos,
assi mesmo como aos
nossos, Receberão de
todo o Ilustre os
ossos.